PESQUISAS

Número 3 ——— Ano de 1959

SECÇÃO A: CIÊNCIAS HISTÓRICAS

SUMÁRIO

LUIS G. JAEGER, S. J. — À Cata de Tesouros Jesuíticos 9

ARNALDO BRUXEL, S. J. — O Sistema de Propriedade das Reduções Guaraníticas 29

ALFREDO ROHR, S. J. — Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina 119

INÁCIO SCHMITZ, S. J. — A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina 267

Bibliografia 325

Publicações Recebidas 339

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS PALEO-ETNOGRAFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA

Nº I — 1958

A JAZIDA DA BASE AÉREA DE FLORIANÓPOLIS

ALFREDO ROHR, S. J. — FLORIANÓPOLIS

I. INTRODUÇÃO

1. A ILHA DE S. CATARINA

A Ilha de S. Catarina situa-se a meia altura da costa do Estado do mesmo nome. Possui, aproximadamente, 60 Kms. de comprimento por 20 Kms. de largura e forma, com o continente, duas vastas baías de pequena profundidade, mas de grande beleza natural. Ao meio da ilha, defronte do continente, está situada Florianópolis, a capital do Estado. A ponte "Hercílio Luz", estendendo-se com 800 m. de comprimento sôbre o "Estreito", comunica a Ilha com o continente e faz a divisa convencional das duas baías, em Baía do Sul e Baía do Norte.

NOTA Fruto dos esforços conjugados de muitos, o presente trabalho, não tem pretenções de ser completo e, muito menos, livre de falhas. Cumpre-nos salientar, sobretudo, a cooperação de Balduino Rambo e Inácio Schmitz, S. J., que nos animaram a publicar o trabalho e nos ajudaram na medição e descrição dos crâneos. Merecedores de agradecimentos especiais tornaram-se o Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, ex-governador do Estado e proprietário da Firma Hoepke, que nos cedeu, gratuitamente, um aparelho fotográfico de alto custo, que nos permitiu a copiosa documentação fotográfica do trabalho; os Srs. Comandantes da Base Aérea, Cel. Nelson Asdrubal Carpes e Maj. Carlos Jorge Mirândola, que nos deram carta branca para a exploração da jazida, situada em terrenos da Base; o Sr. Dr. Buechele Junior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e cartografia e Desenhista Moacir Coelho que elaboraram os croquís topográficos da jazida e da disposição de parte dos esqueletos. Agradecemos, também, aos colegas professôres e empregados que nos ajudaram nas escavações.

Dois grupos de montanhas, em parte ainda cobertos de matas e separados por uma extensa planície, dão ao navegante em alto mar, a impressão de ter à vista duas ilhas maiores, rodeadas, cada qual, de um grupo de ilhas menores, que são os "Moleques do Sul" e os "Moleques do Norte". O lance norte de montanhas, que vem morrer no Rio Tavares, conta com a altura máxima de 450 m. no Morro da Lagôa. O lance sul toma início no morro do Ribeirão, a elevar-se 600 m. acima do nível do mar, para ir morrer na praia do Naufragado, na ponta sul da Ilha.

A Ilha é rodeada de extensas praias arenosas, que se alternam, graciosamente, com inúmeras enseadas, meandros, diques e pontais rochosos. Acariciada de um lado suavemente pelas águas mansas das duas Baías, a Ilha, pela outra banda, é assaltada permanentemente pelos vagalhões enfurecidos do mar grosso.

Diversos rios, como sejam: o Rio Tavares, o Rio Ratones, o Rio Vermelho, Rio Papacoara, bem como a extensa Lagôa da Conceição, a Lagôa do Perí e outras lagunas e lagoinhas, concorrem para dar à Ilha de S. Catarina um aspecto de todo pitoresco, que surpreende, agradàvelmente, o visitante, amador da natureza.

2. A PRÉ-HISTÓRIA DA ILHA

O Carijó, do tempo da conquista, apelidava a Ilha de S. Catarina de JURURÊ MIRIM ou JURUMIRIM, i. é "boca pequena". A verdadeira história da Ilha, porém, remonta a épocas bem mais antigas, i. é pré-colombianas e recúa, por milênios, para dentro da penumbra misteriosa do passado. Esta história é narrada pelo testemunho eloquente dos seus sambaquís, das suas estações líticas, das suas inscrições rupestres, das suas jazidas páleo-etnográficas e dos seus paradeiros indígenas. Êstes monumentos préhistóricos são tamanhos e de tal natureza, que não deixam margem à dúvida que as extensas e ricas praias da Ilha, em tempos idos, têm sido vastos arraiais indígenas. O habitante primitivo para cá era atraido pela abundância de peixes, de moluscos e de crustáceos que, a par da caça, de frutos e tubérculos, constituiam a sua principal refeição. Isto não é de admirar, de vez que, a riqueza do pescado destas praias, ainda hoje em dia, é tamanha, que o praieiro, hábil no manejo da rêde, jamais sente penúria em casa. Nos meses de maio e junho é o tempo da tainha, que anualmente arriba às praias da Ilha em cardumes de centenas de milhares de indivíduos. Vem a seguir o tempo da corvina, do bagre, do bacalhau e da viola; o tempo da enxova, da mangona, da garoupa, do méro, do badejo e por fim, o tempo da pescada, do linguado, da raia, da cocoroca, etc. etc. que aparecem a qualquer tempo.

Ao olhar do pesquisador atento, não é difícil, consignar grande número de traços característicos, que marcaram a passagem do homem primitivo por estas praias, hoje quase desertas.

a. Sambaquís. Na opinião mais geralmente admitida, os monumentos páleo-etnográficos mais antigos da Ilha de S. Catarina, conhecidos até a presente data, são os sambaquís. Os sambaquís, concheiros ou casqueiros são montes altos de conchas, que, em certos casos, podem atingir 30 m. de altura como, por ex., na Laguna. Outras vêzes elevam-se muito pouco ou mesmo, não se elevam acima do nível do solo, ocupando, porém, áreas muito vastas e aprofundando-se alguns metros debaixo do solo. Nos sambaquís, habitualmente, encontram-se, além de carapaças de moluscos e crustáceos, numerosos restos de ossos de mamíferos, aves e peixes, bem como carvão vegetal e pedras lascadas e semipolidas. Não raro aparecem nos sambaquís também ossos humanos esparsos ou esqueletos inteiros. Em um dos sambaquís do Rio Vermelho e em dois sambaquís do Rio Tavares foram encontrados numerosos esqueletos humanos.

Encontram-se sambaquís esparsos por tôda a zona litorânea do Brasil. Othon Henry Leonardos em "Concheiros Naturais e Sambaquís" publicado em 1938 pelo Departamento de Produção Mineral, assinala na Ilha de S. Catarina a existência dos seguintes sambaquís: sambaquí do Rio Tavares, sambaquí do Rio Cachoeira, sambaquí de Canasvieiras e concheiro do Rio Ratones. Acrescenta, ainda, que a um Km. do sambaquí do Rio Tavares, encontrou dois outros sambaquís.

João José Bigarella em "Contribuição ao Estudo da Planície Sedimentar da Parte Norte da Ilha de Santa Catarina", publicado em 1949, enumera 11 sambaquís situados ao norte da latitude de 27°30', i.é ao norte de uma linha que unisse as localidades de Rerituba (S. Antônio), Ratones e Rio Vermelho. A localização dêstes sambaquís é a seguinte: Canasvieiras, 3; Vargem do Bom Jesus, 2; Ponta das Canas, 1; Lagoinha, 1; Rio do Braz, 1; Rio Vermelho, 3. Outros sambaquís existentes na metade norte da Ilha são os seguintes: Lagôa (Ponta das Almas): 1; Barra da Lagoa: 5

Os sambaquís existentes na metade sul da Ilha têm a seguinte localização: Pântano do Sul, 2; Armação do Sul, 1; Rio Tavares, 5; Base Aérea, 2; Fazenda da Ressacada e arredores, 3; Canto da Lagôa, 2. O número dêste tipo de monumentos pré-históricos conhecidos na Ilha de S. Catarina monta, portanto, já ao número considerável de 32 jazidas. Certamente existem muitos sambaquís, ainda desconhecidos, na Ilha, porque grandes áreas dela ainda não foram cientificamente exploradas neste sentido.

b. Estações líticas. Onde quer que o basalto negro aflore

numa praia, por entre os maciços de granito, que constituem as principais rochas da Ilha de S. Catarina, aparecem os tais "moinhos de bugre" ou estações líticas, i.é superfícies alisadas, tipo de prato raso, mais ou menos circulares, em que os índios outrora alisavam, afiavam e poliam os seus utensílios de pedra e talvez moiam as suas sementes e raizes. Tais "moinhos" ainda hoje podem ser observados em vários pontos das praias do Pântano do Sul, Armação do Sul, Base Aérea, Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa, Praia do Santinho, Inglêses e Canasvieiras. Há lugares, como p. ex. na Barra da Lagoa, onde, na falta de basalto, o próprio granito serviu de matéria prima às superfícies alisadoras. Devassando os arredores destas estações líticas, habitualmente, encontram-se também machados de pedra lascados e polidos, inteiros ou fragmentados e inúmeras lascas pequenas, muito cortantes de basalto, que constituem as aparas do lascamento, o refugo das oficinas líticas.

c. Inscrições rupestres. Outra categoria de monumentos préhistóricos da Ilha, de sentido ainda de todo problemático, são as inscrições, melhor talvez diríamos, gravações rupestres. São constituidas de figuras circulares, paralelográmicas, onduladas, etc. gravadas na superfície mais ou menos lisa das paredes das rochas ou dos blocos isolados do basalto. Tivemos ensejo de recolher blocos de basalto com tais inscrições ao museu etnológico do Colégio Catarinense, procedentes da Praia do Santinho e da Armação do Sul. Nos paredões de basalto da Praia do Santinho existe ainda grande número de gravações rupestres e o nome daquela praia originou-se, devido a uma inscrição rupestre em forma de boneco, existente num bloco de basalto. Nos Moleques do Sul e na Ilha do Campeche, que distam poucos Kms. da Ilha de S. Catarina, existem numerosas gravações rupestres.

d. Jazidas páleo-etnográficas. Esta denominação aplicamo-la, a uma classe de monumentos pré-históricos que, talvez, possam ser considerados como monumentos de transição das culturas mais antigas do homem dos sambaquís, para as culturas mais recentes dos paradeiros indígenas. Caracterizam-se as jazidas páleo-etnográficas pela sua riqueza em material páleo-etnográfico.

A jazida páleo-etnográfica apresenta todos os elementos dos sambaquís, como sejam restos de ossos de mamíferos, aves, peixes e reptís, abundante carvão vegetal, etc. Encerra, porém, relativamente pequena porcentagem de conchas, mas, em compensação, número muito elevado de esqueletos e utensílios indígenas. Guilherme Tiburtius, I. K. Bigarella e J. J. Bigarella em "Arquivos de Biologia e Tecnologia" de 1950-1951, descreveram tal jazida páleo-etnográfica de Itacoara, próximo à Cidade de Joinville

no norte do Estado de S. Catarina. Tivemos ensejo de explorar uma jazida páleo-etnográfica muito semelhante, localizada em terrenos da Base Aérea de Florianópolis, no sul da Ilha de S. Catarina, que passaremos a descrever no seguinte capítulo. Pesquisas futuras, talvez, venham demonstrar que parte dos sambaquís supraenumerados, não passem destas estações páleo-etnográficas.

d. "Paradeiros" indígenas. Abrangemos com êste têrmo os sítios, onde, em épocas mais recentes, que, talvez, alcançassem o tempo da conquista, existiam aldeamentos indígenas de origem guaraní. Os paradeiros são caracterizados pela abundância de carvão vegetal, que imprime ao solo do local uma tonalidade escura. O subsolo do paradeiro indígena, está juncado de fragmentos de cerâmica, machados de pedra, pontas de flecha, lascas de pedra e grande variedade de outros utensílios indígenas. Uma descrição detalhada de paradeiros guaranís, da autoria de Inácio Schmitz S. J., encontramos nos Números 1 e 2 de Pesquisas, correspondentes aos anos de 1957 e 1958. Numa zona de uns 5 Kms. quadrados, no sul da Ilha de S. Catarina, encontram-se numerosos vestígios de paradeiros indígenas. Em algumas buscas ligeiras recolhemos, daquela zona, ao museu etnológico do Colégio Catarinense, 3 peças de cerâmica quase inteiras e várias caixas de fragmentos, além de machados de pedra e outros objetos líticos com sinais evidentes de uso. A cerâmica dos paradeiros, geralmente, é de um acabamento mais perfeito, do que a que se recolhe das jazidas páleo-etnográficas. Os machados dos paradeiros, muitas vêzes, são perfeitamente polidos.

Ao fazermos a distinção acima, estamos cônscios da sua arbitrariedade, mas empregamos esta terminologia para distinguir fenômenos diferentes. Chamamos paradeiros aos antigos aldeamentos guaranis, jazida páleo-etnográfica aos jazigos de cultura intermédia entre a guaraní e a sambaquiana, e de sambaquís àquilo que todos conhecem sob êste nome. A separação das estações líticas e das inscrições rupestres não significa que as julguemos pertencentes a novas culturas, mas indica apenas a nossa ignorância em atribuí-las a uma ou outra das culturas anteriores.

II. A JAZIDA PÁLEO-ETNOGRÁFICA DA BASE AÉREA DE FLORIANÓPOLIS

1. *A descoberta.* Pelo exposto no capítulo precedente, vê-se que os campos para pesquisas páleo-etnográficas na Ilha de S. Catarina, são muito numerosos e variados. Neste trabalho nos restringiremos à descrição de uma jazida páleo-etnográfica, que exploramos no ano passado (1958) em terrenos da Base Aérea

de Florianópolis. A descoberta dêste monumento páleo-etnográfico foi fortuita. Em abril daquele ano tivemos informações que, em escavações levadas a efeito por operários da Base Aérea, com o fim de retirarem areia, estavam aparecendo "ossos de defunto". Visitando o local, verificamos que se tratava de esqueletos de índios. Pesquisas ulteriores provaram que o local em questão, não passava de uma extensa e importante jazida páleo-etnográfica, da qual, infelizmente, restava apenas pequena parte, talvez dez porcento, tendo o grosso da jazida sido destruída, na exploração do areal, sôbre o qual assentava a jazida, pròpriamente dita. Para fazer-se uma idéia aproximada da extensão da jazida, basta dizer, que os operários mais antigos da turma de tarefeiros da Base afirmam, virem quebrando crânios já durante 15 anos. Houve entre êles, até, quem afirmasse, ter encontrado um "camarada", i.é um esqueleto, com arame farpado ao redor do pescoço. Esta afirmação, provàvelmente, é decorrente da falta absoluta de senso de observação e espírito crítico que, a par de interêsse, caracteriza êstes homens simples, na maioria analfabetos, no desempenho das suas tarefas. O interêsse dêles não ia além da areia. Esqueletos, seixos polidos, caramujos, cerâmica e quejandos, não lhes mereciam a menor atenção, e até constituiam um impecilho, um obstáculo indesejável na consecução do seu fim. Por isto eram quebrados displicentemente.

Como veremos mais abaixo, o terreno era formado por uma camada preta, oscilando em espessura entre 30 e 130 cms. e por baixo desta, areia. Acresce ainda que o local, outrora, fôra ocupado pelas modestas casas de moradia de algumas famílias de pescadores e, atualmente, dista a menos de 100 metros do "cemitério" dos aviões abandonados, dos quais encontram-se pedaços espalhados nos arredores. Na exploração da areia, o operário ia tombando a terra preta, em grandes torrões, para pôr a descoberto, cada vez, novas porções de areia. Visto encontrarem-se os esqueletos enterrados numa cova rasa, feita na areia, pràticamente, entre a terra preta e a areia, não é de admirar, que o operário, no seu trabalho, misturasse esqueletos de índios com pedaços de arame farpado; fragmentos de cerâmica indígena, com cacos de vidro; Machados de pedra, com pedaços de velhos ferros de engomar; ossos de baleia, com pedaços de avião, confundindo, de maneira espetacular, as culturas de séculos, quiçá de milênios diferentes. As covas, abertas pelos operários, depois de retirada a areia, iam sendo fechadas novamente com entulho e lixo e aplanadas com máquinas motoniveladoras.

Tendo a jazida sido remexida, na sua maior parte, pelos operários e rasgada, até por tratores, não nos é possível dar os contornos exatos dela. Por algumas sondas ligeiras, feitas nos diversos fronts e por informações, colhidas dos operários, a jazida

deve ter abrangido uma área de acima de 1.000 metros quadrados. Tudo faz crer, que toda a área da praia, numa extensão de 300 a 400 metros por, aproximadamente, 50 metros de largura, i. é, desde o local das escavações, até o trapiche da Base, incluíndo o prédio do corpo de guarda, os angares, as oficinas e parte da estrada geral da Base Aérea, formasse uma única jazida páleo-etnográfica. Afirmam os operários, que, nas escavações, para lançamento dos fundamentos de todos aqueles prédios, topavam com esqueletos.

2. *TOPOGRAFIA DO LOCAL*

A Base Aérea está situada numa pequena enseada da Baía do Sul, a 16 Kms. de Florianópolis, no lugar chamado Ressacada, ocupando parte da extensa planície, que separa os dois grupos de montanhas da Ilha de S. Catarina. As escavações foram feitas a 10 ms. da praia, entre os hangares e a rampa dos hidro-aviões da Base Aérea, num pontal de terra, chamado "Ponta Caiacanga-Mirim", que margeia aquela pelo lado norte. A largura do pontal, no local das escavações é de uns 200 metros de praia à praia. A faixa de terreno, de uns 10 metros, que medeia entre o local das escavações e a praia, serve de estrada particular aos veículos da Base e conduz à rampa dos hidro-aviões, stand de tiro ao alvo da Base e ao "cemitério" dos aviões. Esta estrada termina, a uns 150 metros do local das escavações, onde vai dar num morrete de base cristalina, coberto de mato rasteiro, que se eleva uns 40 ms. acima do nivel do mar. Ao pé dêste morrete, que forma a cabeça do pontal de terra, a poucos metros da rampa dos hidro-aviões, na praia, aflora um dique de basalto entre o granito cinzento. Neste dique de basalto, existem, ainda visíveis, 18 daquelas típicas superfícies alisadas em forma de prato raso. Em virtude do descascamento superficial, que vai desagregando a rocha, certo número de vestígios desta estação lítica, já desapareceram (fig. 3).

III. A EXPLORAÇÃO DA JAZIDA

1. A ESTRUTURA DO SOLO

Devidamente autorizados pelo Exmo. Sr. Comandante da Base Aérea, Tente. Cel. Nelson Asdrubal Carpes, iniciamos, em abril de 1958, a exploração sistemática do material etnográfico,

existente na área, ainda intata, da jazida. As observações preliminares revelaram, que uma secção esquemática da jazida, apresentaria a seguinte configuração (Fig. 1):

I. Cobertura de vegetação secundária.

II. Camada de humus, i.é, de terra negra, oscilando em espessura de 30 a 130 cms. Esta camada chamaremos de "camada de cultura", não tanto, por constituir humus de primeira qualidade, que está sendo aproveitado, com vantagens, nos jardins e gramados da Base; mas por formar uma espécie de "refugo ou resto de cozinha", depositado no decorrer dos séculos, pelas gerações, que alí viveram, morreram e foram enterradas, semelhante ao que os inglêses denominam "kitchen-midden" e os dinamarqueses de "Kjoekkenmoedding".

Esta camada varia muito, não sòmente quanto à espessura, mas também quanto à composição. Focalizemos uma secção, onde a camada preta de terra de cultura atingisse, pelo menos, 1 metro de espessura.

Teremos, primeiramente, uma crosta superficial de uns 10 cms. de espessura, servindo de substrato à grama paulista e envolvendo tôdas as características da civilização do século vinte, desde cacos de vidro, de telha e tijolo, até pequenas peças de avião.

Retirada esta crosta superficial, toma início uma faixa dura e compacta de uns 30 cms. de espessura, que se caracteriza pela sua grande heterogeneidade. Andam nela esparsos machados de pedra acabados e inacabados, inteiros ou fragmentados, cerâmica, carvão vegetal, abundantes lascas finas e cortantes de basalto, cascalho, seixos de todos os tamanhos, alisadores de instrumentos, esqueletos inteiros, bem como ossos esparsos de mamíferos, peixes e aves, dentes, amuletos, conchas marinhas, caracóis terrestres Strophocheilus sp. que o povo da Ilha denomina de "búzios", etc. etc. Quando nesta camada, de raro em raro, aparecia algum esqueleto humano, tratava-se de exemplares muito esmagados e quase sempre de crianças.

A esta camada heterogênea sucedia uma faixa de côr amarelo-escura, que atingia 15 a 20 cms. de espessura e era composta, quase que exclusivamente, de espinhas de peixe, carcaças de crustáceos e farelo de osso, incluindo, também, raro material lítico, coquinhos calcinados, carvão e algumas conchas. Nesta camada de ossos, salientava-se mais acentuadamente o caráter de "Kjoekkenmoedding" i.é, restos de cozinha, de toda aquela segunda camada preta de cultura.

À camada de osso seguia uma faixa, também esta bastante homogênea, constituida, precìpuamente, de conchas marinhas e moluscos fluviais. Nesta camada apareciam conchas de ostras

enormes de 35 cms. ou mais de comprimento por 13 de largura, as quais, no dizer dos pescadores, hoje já não se encontram. De mistura com as conchas, também aquí, andavam esparsos raros exemplares de machados, seixos, carvão vegetal e alguma cerâmica.

Retiradas as conchas, aparece uma terra de côr cinza-escura, muito solta, fácil de raspar e de retirar com a colher de pedreiro. Esta camada, que atinge uns 25 a 30 cms. de espessura, era formada de farelo de concha, areia e humus preto, de cinza e carvão. Mais raramente apareciam nela, também seixos e ossos de peixes isolados de côr amarelada, igual à côr dos ossos humanos.

Com certa frequência, encontravam-se nesta altura, reunidos em núcleos, uns 10 a 15 seixos lisos e rolados de basalto e quartzito, do tamanho de um ovo de galinha ou menos, de finalidade problemática. Era, ainda, nesta camada de terra solta e de côr cinza, que topamos, talvez uma dúzia de vêzes, com legítimos fogões ou "churrascarias" indígenas. Êstes fogões assentavam sôbre a areia, que fica abaixo da camada preta de terra de cultura, encontrando-se, portanto, aproximadamente, a um metro de profundidade. Eram formados de seixos diferentes de basalto, granito e quartzito, os maiores do tamanho da cabeça de um cão, reunidos numa superfície circular de, aproximadamente, 50 cms. de diâmetro e cobertos de abundantes cinzas e carvão. O granito que fazia parte dêstes fogões, devido à dilatação irregular dos cristais componentes ao sofrerem o aquecimento, esfarelava-se ao contato. Recolhemos ao museu os 18 seixos componentes de um dêstes fogões. De outro fogão, da figura 4, retiramos acima de 1 litro de carvão vegetal granulado, desprezando o carvão reduzido a pó e misturado com terra e areia.

Quando acontecia que esta camada de côr cinza ia afundando dentro da areia, geralmente, era indicada muita cautela no manejo da ferramenta, porque era indício, quase certo, de aparecer algum esqueleto.

III. Areia de mistura com farelo de concha. Esta areia é em tudo semelhante à areia da praia, que, ainda hoje, aparece misturada com o mesmo farelo de concha e dista, atualmente, uns 10 metros do local da escavação. E' possível que a jazida se estenda até encostar na praia. Não nos foi possível verificar êste detalhe, porque seria preciso destruir o leito da estrada, difícil de reconstruir, devido à possível invasão das águas em período de maré enchente ou de mar agitado. Em vários lugares a areia da jazida já se encontrava parcialmente cimentada, formando blocos que resistem à enxada. Trouxemos algumas amostras dêste arenito em formação.

partido do extremo norte da jazida em direção da praia; tendo avançado uns 40 ms., em direção sul, numa frente de uns 100 metros de extensão. Ao iniciarmos as escavações, desconhecendo a localização, o nível e a direção dos esqueletos, perdemos tempo e material, pesquisando, ora aquí, ora alí no extenso front dos operários. Desde junho, porém, cientes que os esqueletos ocupavam posição norte-sul, não conduzíamos as nossas escavações neste rumo, que era a direção do avanço dos operários; mas atacávamos o terreno lateralmente, em faixas de 2 a 3 metros de largura, avançando rumo leste-oeste.

Por meio da colher de pedreiro, ia sendo retirada, cuidadosamente, a camada fofa dos esqueletos (nº 5), por baixo das camadas duras que ficavam por cima. Sucedendo, que a colher de pedreiro descobria em baixo, algum osso humano, caracterizados por aquela côr amarelo-escura inconfundível, era fácil demarcar, na superfície, a área, dentro da qual estava localizado o esqueleto. Em continuação um trabalho paciente de 3 a 4 horas acabava, deixando o esqueleto, em alto-relêvo, sôbre o fundo negro do lençol de terra preta. Aos poucos, à medida que ia aprofundando, esta ferramenta grosseira, cedia lugar à espátula e à faquinha. Alguns pequenos pinceis, de barba resistente, prestavam ótimos serviços, quando se tratava de remover os últimos vestígios de areia e terra de cima dos ossos frágeis e amarelentos. Depois de fotografado, o esqueleto era, cuidadosamente, desmontado e encaixado para o transporte.

Interessantes e originais eram os diversos comentários e palpites da assistência, feitos no decorrer das escavações. A oficialidade da Base Aérea, alheia às lides do simples operário braçal de campo, supunha tratar-se de um velho cemitério abandonado, que não podia ficar alí, como um dique oposto à marcha avassaladora do progresso e da civilização do século vinte, e por isto, de uma ou de outra forma, era condenado a desaparecer. Os soldados rasos opinavam, que aquêle "mundo" de gente, devia ter morrido em alguma batalha ou tinha perecido em algum naufrágio. Entre os simples operários e pescadores da Ilha é voz corrente, que os esqueletos, que costumam aparecer em escavações, são restos do dilúvio universal. Foi sòmente, pouco a pouco, devido ao aparecimento dos numerosos artefatos de pedra, cerâmica, objetos de adorno, etc. que conseguimos convencer o pessoal, que aquêles esqueletos eram de índios.

Infelizmente, até a presente data, não nos foi possível dar uma resposta satisfatória à pergunta mais generalizada e palpitante, de quantas nos eram dirigidas; a saber, qual a idade do jazigo. Quando foi e quem foi? Como vimos acima, recolhemos alguns kgs. de carvão vegetal, que se encontrava em fogões soterrados ou espalhado pelo solo de mistura com restos de cozinha, conchas e

ossos. Pela análise rádio-ativa do carvão (carbono 14), consegue-se determinar, modernamente, a idade das ossadas. Para fins de análise rádio-ativa, parte do carvão, já foi encaminhado aos Estados Unidos e outra parte, junto com ossos, será remetida à Alemanha.

Resolvemos, restringir-nos, no presente ensaio, rigorosamente, à simples enarração dos fatos e à descrição do material encontrado, sem aventar hipóteses fantásticas ou afirmações arrojadas. Referente à idade do jazigo, pode-se afirmar, sem medo de errar, que pertence à era pré-colombiana, i.é anterior ao tempo da descoberta do Continente Americano; porque não foi encontrado, na camada de cultura daquele povo, nem vestígio sequer, de utensílio metálico ou outro objeto, que indicasse contato com a cultura do homem branco. Portanto, a jazida possui de 500 anos para fora, talvez mil anos.

Outra pergunta, que, espontaneamente, aflora aos lábios dos curiosos, é como os esqueletos puderam conservar-se durante tanto tempo, visto que, de esqueletos humanos, desenterrados depois de 40 ou 50 anos, geralmente, nada mais resta senão "pó e cinza". Primeiramente chamamos a atenção, para as condições, excepcionalmente, favoráveis à conservação, em que os esqueletos eram enterrados. Deitados na areia, cobertos com areia e farelo de concha, material, que filtrava òtimamente a água, jamais ficariam de todo ensopados, durante muitos dias. Suposto que tenham sido enterrados entre cinza vegetal, encerrando certo teor de soda e potassa cáustica, esta podia exercer uma ação bactericida favorável à conservação dos esqueletos. Além disto, encontrando-se os esqueletos enterrados ao nível do mar, a poucos metros da praia, em areia, inicialmente, salgada, o próprio sal marinho pode ter secundado a conservação dos esqueletos.

Com respeito ao povo que tenha construído aquela jazida, o material lítico, os objetos de adôrno e a maior parte da cultura parecem-nos decididamente sambaquianos, ao passo que a cerâmica indica uma cultura que se adianta aos sambaquinos conhecidos, mas não chega a ser a dos guaranis de que difere na feitura, no cozimento e no ornato. Poder-se-ia tratar de sambaquianos evoluídos, que já adquiriram cerâmica, mas não temos fatos concretos para comprovar tal hipótese. No trabalho de Inácio Schmitz encontrará um pequeno estudo desta cerâmica.

b. *Esqueletos com objetos de adorno.* O uso de enfeites parece ter sido bastante generalizado entre os construtores daquêle reduto páleo-etnográfico. Eram de preferência as crianças, cujos encantos naturais, se procurava ressaltar por meio de alguma jóia. Quase que não se desenterrava esqueleto de criança, que não viesse acompanhado de algum amuleto ou colar. Dir-se-ia, que já entre aquêles primitivos filhos das selvas, as mães se esmeravam

em cobrir, cada qual o seu brotinho de jóias, as mais ricas e as mais preciosas. O material mais empregado no fabrico de objetos de adôrno, eram conchas, dentes de peixes e mamíferos e, mais raramente, material lítico. Na escolha dêste material, aquêle povo revelava um gôsto estético, assaz apurado, para as condições em que vivia. Na falta dos metais nobres e das pedras preciosas, o que mais deleitaria a vista do homem, seriam, evidentemente, valvas de concha de brilho nacarado e côres irisadas, bem como os dentes, naturalmente esmaltados e brilhantes do cação e da onça. Êstes animais podiam, além disto, incluir um sentido totêmico, como símbolos da agilidade e da fôrça. Os colares, às vezes, eram tecidos de conchas menos brilhantes, mas constavam então de espécimens mais raros e formosos, que compensavam pela novidade de formas, o que perdiam em brilho.

Junto do crânio n.º 7, que é de um rapazinho dos seus 10 a 12 anos, foi encontrado um amuleto de pedra. Consta de uma pedrinha lisa de quartzito branco, de forma triangular, de ângulos arredondados, imitando, com bastante perfeição, a cabeça de um peixinho. No ângulo de menor espessura, apresenta um furo, formado por dois troncos de cone, opostos pelo vértice. O artífice, evidentemente, furou, primeiramente de um e depois do outro lado, até encontrar o furo do lado oposto. A borda do ângulo, que fica vizinha ao furo, apresenta uma coloração ferruginosa artificial, provocada pelo aquecimento da jóia.

Um esqueleto de criança de 6 a 8 anos de idade, tinha junto da parte superior do úmero, um amuleto, feito de dente largo de cação de forma triangular e de superfície brilhante. Dois lados são naturalmente serrilhados. A borda de fixação forma uma linha curva e apresenta duas facetas opostas alisadas. Nestas facetas foram praticados dois furos normais, distanciados entre si de 6 mm. e destinados à suspensão da peça. Perdido na terra preta de cultura, foi encontrado outro amuleto de dente de cação, em tudo igual ao precedente, apenas, de tamanho maior. Junto do esqueleto muito esmagado de outra criança, foi encontrado um colar, composto de 41 caramujinhos ovóides, todos da mesma espécie e todos furados no vértice. O comprimento destas conchinhas oscila entre 8 e 10 mm. por 4 a 5 mm. de diâmetro.

Outro esqueleto de criança, também êste muito esmagado e decomposto, estava com um colar, tecido de 250 dêstes mesmos caramujinhos de forma ovóide. Neste colar havia, além disto, uma valva de concha maior de um molusco fluvial de brilho nacarado e com dois furos, bem como certo número de rodelinhas, feitas de concha e furadas no centro. O diâmetro das rodelas de concha é de aproximadamente 1,5 cms. Tanto a valva de concha como as rodelas, encontram-se em estado tão adiantado de decomposição, que deixam nas mãos abundante risco de giz e, fàcilmente, se es-

farelam ao menor contato. Devido a isto, certo número de rodelas se perderam.

Em 27.11.58 encontramos e fotografamos um esqueleto de criança, que teria, apenas, 3 a 4 anos de idade. O esqueleto, apesar desta tenra idade, estava bastante bem conservado. Do pescoço, até a cintura pélvica caía um colar, feito de valvas de concha, de rodelas de concha e de dentes de cação (fig. 25, 26). As valvas de concha, em número de três, eram da mesma espécie, como as do colar precedente, tinham brilho nacarado e apresentavam, cada qual, os dois furos característicos destinados à suspensão. As rodelas de concha eram em número bastante elevado, todas do mesmo tipo descrito para o colar precedente. Devido ao estado adiantado de decomposição conseguimos trazer apenas 25 rodelas mais ou menos inteiras e outras tantas fracturadas. Faziam parte dêste colar também 9 dentes de cação, cada qual com dois furos destinados à suspensão. Estes dentes são mais estreitos, do que os supra descritos, como amuletos. Apenas três dentes dêste colar, possuem os dois furos conservados. Dois dentes possuem, cada qual, um furo conservado e vestígios do segundo furo. Nos outros quatro dentes existem, apenas, vestígios dos furos de suspensão, tendo desaparecido parte da raiz do dente com os furos, devido à decomposição.

Em 15 de dezembro, finalmente, foi encontrado o derradeiro esqueleto de criança, esta de 6 a 8 anos de idade, possuindo também ela um colar, confeccionado, exclusivamente, de rodelas de concha. Desta vez, porém, tôdas as rodelas estavam localizadas ao redor da cintura pélvica.

Os objetos de adôrno, porém, não eram reservados, tão sòmente, às crianças. Também os adultos serviam-se dêles, embora com menos freqüência. Assim, por exemplo, foi encontrado, junto do crânio n.º 1, que é de um homem adulto, um amuleto, feito de concha. Consta de um fragmento de concha, em estado adiantado de decomposição, deixando abundante risco de giz nas mãos. As bordas são lisas e a forma oblonga. O comprimento é de 3,4 centímetros por 1,4 centímetros de largura. A um terço do eixo maior, apresenta um furo, formado de dois orifícios cônicos, opostos pelo vértice e praticados de um e do outro lado, até se encontrarem. Os furos dos objetos de pedra, de osso e de concha, eram levados a efeito por meio do berbequim (fig. 2). Êste instrumento de pedra, de barro cozido ou de madeira, compunha-se, segundo Barbosa Rodrigues, do corpo de forma cilíndrica e de duas pontas. Pela zona côncava do corpo, se enlaçava um barbante, destinado a imprimir um movimento rotatório rápido ao instrumento. A ponta, que funcionava como pua, servida de abundante areia e água, acabava furando, com relativa facilidade, o material lítico mais resistente.

Junto do crânio n.º 11, que é de um homem, de uns 40 anos de idade, foi encontrado um colar de conchas, de formas quase cônicas. Todas estas conchas são da mesma espécie Conus spurius, e foram furadas na ponta do caracol. Eram, apenas, em número de sete peças, tendo a maior delas, 4 cms. de comprimento por 2,3 cms. de diâmetro maior. Esta espécie de conchas não foi encontrada, a não ser, fazendo parte de colares. Além dêstes objetos de adôrno, localizados junto de esqueletos, encontramos ainda outros, perdidos na terra preta de cultura, feitos de valvas de conchas, de dentes de jaguar, de dentes de macaco etc., que abaixo vão descritos mais detalhadamente.

c. *Crânios.* Foram montados, até a presente data, 21 crânios, faltando em três dêles a mandíbula e em dois o maxilar superior. A escassez de tempo não permitiu fôsse montado algum esqueleto completo. Outrossim restam por montar, ainda, passante de 20 crânios, entre crianças e adultos. Os crânios, que aqui vão descritos, são de indivíduos adultos, uns mais, outros menos avançados em anos, com exceção do crânio n.º 7 que é de um rapazinho dos seus 10 a 12 anos. Os crânios, vistos em conjunto, apresentam-se bastante homogênios. São de construção robusta e maciça, de rostos largos e de um aspecto anguloso. O calibre dos ossos da caixa craniana é notável.

Os ossos, devido à idade, perderam tôda a substância orgânica, restando, apenas, a substância mineral. Um fragmento sêco da caixa craniana, jogado na mesa, emite um som submetálico, que lembra o som da porcelana. O ácido cloridrico dissolve os ossos completamente.

Os crânios dos indivíduos masculinos, geralmente, apresentam os carateres diferençais, bem acentuados, i. é, apófises mastóides robustas, arcadas superciliares salientes, inserções musculares fortes, etc. Do outro lado, a transição dos crânios masculinos, para os femininos, é lenta, tornando, às vêzes difícil a distinção.

Vistos em norma superior, segundo a nomenclatura de Sergi, aproximam-se, às mais das vêzes do tipo ovóide e elipsóide. Quase todos apresentam a mesma largura na parte posterior, como na parte mais larga dos arcos zigomáticos. Alguns, vistos de cima, imitam, com bastante perfeição, o corpo de um carrapato. Muito largos, quase circulares atrás, vão estreitando, suavemente, para a frente. Típicos, neste detalhe, são os crânios n.º 4 e n.º 16.

Todos os crânios são fenózigos, deixando visíveis os arcos zigomáticos em norma superior. Por falta de aparelhamento, não nos foi possível medir o prognatismo.

As suturas, em alguns, são simples, em outros algo complexas e denteadas. Vistos em norma lateral, apresentam geralmente a glabela cheia, fundindo-se não raro, com as arcadas superciliares

salientes. As frontes apresentam-se largas e um pouco inclinadas. Alguns crânios, como p. ex. o n.º 17 e n.º 5 são lofocéfalos, apresentando uma depressão transversal ao longo da sutura coronal, que dá à abobada craniana a forma de sela de montar. As fontes largas terminam lateralmente numa aresta, crista fronto-temporal, particularmente saliente nos indivíduos masculinos. Analisados em norma posterior, apresentam-se alargados, tendo o ocipital bem desenvolvido. O ínio, geralmente, é saliente e as linhas da nuca bem acentuadas. Os ossos wormianos, são raros e pequenos. Apenas o crânio n.º 13 apresenta um osso wormiano de superfície maior. Os ossos zigomáticos, muito salientes, em muitos indivíduos, apresentam ainda inferiormente, uma apófise, processus zigomáticus maxillae, em forma de unha. As órbitas tendem para a forma quadrada, de bordas irregulares, angulosas, muitas vêzes com chanfratura superorbitária. O forámen magnum varia de indivíduo para indivíduo. Via de regra é, posteriormente, arredondado, estreitando-se e alongando-se na parte anterior, do que resulta um diâmetro longitudinal maior que o trasversal.

A mandíbula é notável pela sua altura e robustez. Apresenta largura e espessura óssea, consideràvelmente, maior do que os esqueletos do homem moderno. Um reparo especial merece a parte antero-inferior da região do mento, particularmente nos indivíduos masculinos. A mandíbula dá a impressão de ter sido martelada inferiormente no mento, até formar-se uma espécie de rebordo. Em vez de apresentar a parte anterior do mento, em curva suave, como as mandíbulas comuns, apresenta um rebordo reto de três a quatro centímetros de comprimento. Colocada a mandíbula em posição normal sôbre uma mesa, a parte do mento não toca na mesa, mas fica num nível um pouco mais elevado, de 7 a 8 mm. Vista de baixo, esta parte da mandíbula, devido ao rebordo, apresenta uma espessura muito maior, do que as mandíbulas comuns. Nos crânios femininos, não se acentua tanto esta configuração especial da região do mento. Os ramos ascendentes da mandíbula caracterizam-se, igualmente, pela sua notável robustez nos indivíduos masculinos. Ultrapassa, comumente, de um terço a altura e a largura das mandíbulas comuns. O ângulo da mandíbula no ramo ascendente, às vezes, é quase reto e as protuberâncias, massetérica e pterigoídea, são robustas e acentuadas. As duas apófises superiores do ramo ascendente, condilóide e coronóide, em robustez, correspondem ao conjunto.

Um capítulo à parte merecem os dentes. Todos os crânios tanto de indivíduos masculinos, como femininos, apresentam um desgaste dos dentes, verdadeiramente impressionante. Quando o desgaste se encontra em sua fase inicial, i.é, em indivíduos ainda no vigor dos seus vinte a trinta anos, os dentes são, apenas, alisados desaparecendo tôda e qualquer protuberância da corôa do

dente. Em continuação o desgaste vai-se acentuando no decorrer dos anos e os dentes do indivíduo de 40 anos, dão a impressão de terem sido limados simètricamente ou cortados à serra. Aos poucos o desgaste vai atingindo a gengiva, pondo a descoberto o canal do nervo e, finalmente, chega ao extremo de desgastar parte da própria raiz do dente (crânios nº 12, 16 e 19). Nesta fase os maxilares começam a recuar, rejeitando os dentes, que vão caindo aos poucos. Facto notável é que não se encontra em crânio algum, nem vestígio, sequer, de cárie dentária. No entanto, tudo indica, que o maior flagelo que atribulasse aquêle povo, tenham sido terríveis dôres de dente; salvo se admitirmos que conhecessem algum antídoto natural que lhes aliviasse a dôr. Tivemos ensejo de consultar diversos cirurgiões dentistas que todos concordaram, prontamente, em afirmar, que indivíduos, com tamanho desgaste de dentes, deviam sofrer dôres insuportáveis. Em muitos indivíduos, faltam quase todos os dentes da mandíbula, encontrando-se os alvéolos já fechados e cicatrizados. Em virtude disto a mandíbula apresenta-se muito recuada. Este facto, que a princípio nos parecia enigmático, agora se nos apresenta de explicação extremamente fácil e consentânea. Em virtude do desgaste dos dentes e das dôres subsequentes, de uma ou de outra forma, procuravam extrair os dentes. Há vestígios de extração violenta, como, p. ex., no crânio nº 6, onde uma operação cirúrgica destas, em um molar superior, redundou em fractura óssea. Em virtude disto a extração não foi completada e o dente deslocado, junto com um fragmento do maxilar, cicatrizou novamente. Em outros casos o maxilar, devido ao desgaste extremo, rejeitava os dentes espontaneamente. É um facto, assaz conhecido na cirurgia dentária, que a mandíbula, uma vez perdidos os dentes, recua muito em tamanho e robustez.

d. *Material lítico.* Instrumental indispensável às lides diárias do homem primitivo, eram os artefatos de pedra. Esparsos por todas as camadas da terra de cultura, foram encontrados numerosos machados de pedra, quebra-cocos, martelos, pedras para amolar, alisadores de instrumentos, abridores de conchas e grande quantidade de outro material lítico, com sinais evidentes de uso, mas de finalidade problemática. Foram encontrados, ao todo 33 machados acabados de corte alisado, 32 machados apenas lascados, que não apresentam corte alisado e 41 fragmentos de machados. Os fragmentos, em questão, constam todos de corte alisado ou parte (fragmento) do corte alisado e parte do corpo. Há número elevado de outros fragmentos de machados, mas sem o corte, e, por isso, não raro, difíceis de reconhecer como tais. Como matéria prima, na confecção dos machados, serviram-se, exclusivamente, do basalto preto.

Os machados variam muito em forma, tamanho e pêso. Uns

são muito compridos e estreitos, outros curtos e largos; uns muito grossos e pesados, outros finos e leves. Os menores, com apenas 1 cm. e pouco de espessura e um corte fino e perfeito, parecem antes facas, do que machados de pedra. No seu acabamento geral os machados revelam falta de capricho, de quem tem em vista, apenas, a utilidade do instrumento, sem preocupar-se muito com beleza de formas. Às vezes não passam de simples pedaços de basalto de corte alisado; outras foram, lateralmente, lascados com o fim de tirar algumas irregularidades ou saliências mais grosseiras. Os mais perfeitos, depois de lascados, foram submetidos ainda a um alisamento parcial, com o fim de eliminar as arestas muito vivas e incômodas para a mão do operador. O alisamento, como é sabido, era conseguido mediante desgaste, atritando o instrumento de encontro a outro mineral duro. Serviam para isto as superfícies de alisamento em forma de prato das estações líticas. A parte melhor acabada nos machados é o corte que, geralmente, apresenta-se perfeitamente alisado à semelhança dos machados modernos. Por via de regra, o corte, apresenta forma ligeiramente arredondada; não raro, também, forma uma linha reta perpendicular ou levemente oblíqua aos lados. As faces geralmente são convexas. Aparecem, também, muitos exemplares de faces planas e alguns raros de faces irregulares. Os lados, por via de regra, são constituídos por arestas irregulares, resultantes de um lascamento lateral em ambas as faces. Às vêzes esta aresta foi posteriormente alisada. A miude, porém, os lados são formados por planos não lascados, mas alisados nas quinas mais cortantes. A cabeça usualmente forma um plano, lascado ou não lascado na periferia; outras vêzes tem a forma irregular da pedra original não trabalhada. Em alguns machados a cabeça apresenta certo desgaste, que indica terem sido usados, oportunamente, também como martelos para quebrar nozes, conchas, coquinhos e outras sementes. Não foi encontrado na jazida nenhum machado de todo alisado e polido, que em acabamento e beleza se comparasse aos machados, encontrados em estações líticas da Ilha. Tão pouco foi encontrado algum machado com gargalo ou em âncora. Todos os machados, retirados dêste local, conservam sinais mais ou menos abundantes do lascamento inicial ou de superfícies não trabalhadas. Se êste fato pode ser invocado como testemunho da antiguidade da jazida, deixamos, por ora, em suspensão.

Utensílios líticos comuns nos sambaquís e na jazida páleo-etnográfica são quebra-coquinhos ou quebra-nozes. São pedras de forma irregular, que apresentam, nas faces, uma ou mais pequenas cavidades, destinadas a receberem coquinhos, nozes e outras sementes a serem quebradas. Na jazida foram encontrados 11 exemplares de quebra-côcos. Para o fabrico de seis dêles, foi aproveitado o cascalho e para os cinco restantes, basalto não ro-

lado. O mais volumoso de todos é um cascalho achatado, de forma elíptica, de 16,5 cms. de comprimento por 12 de largura máxima. Numa das faces existe a pequena cavidade arredondada, que o caracteriza como quebra-côcos; o alisamento da outra face, indica em uso suplementar, como pedra de amolar. — Outro mais grosso, do que o precedente, também é um cascalho, que possui forma de ovo, achatado de um lado. No centro da face achatada apresenta a cavidade característica do quebra-côcos e no outro lado numerosas incrustações de cracas e mariscos. Numa extremidade sofreu um lascamento extenso. O menor de todos, tem forma de pequena esfera, achatada e escavada nos polos, de 5,5 por 4 cms. de diâmetro. O desgaste irregular que apresenta em vários pontos da superfície, revela um uso suplementar como martelo.

Os martelos constam de cascalhos, que apresentam desgaste em uma ou nas duas extremidades, devido a seu uso, como utensílio percussor. Foram encontrados na jazida 15 peças, que, seguramente, podem ser incluídas na rol dos martelos. Todos êles têm superfícies lisas. A forma de cilíndrica e roliça, vai declinando para ovóide, mais ou menos, achatada. O comprimento oscila entre 14,5 e 6,5 cms. e a espessura entre 6,3 e 3,3 cms. Todos são de basalto rolado e alisado pelas águas. Com exceção de dois exemplares, todos têm duas extremidades desgastadas pelo uso. Em outros dois nota-se, além disto, uma pequena cavidade, indicando o seu uso suplementar como quebra-coquinhos.

O cascalho, rolado pelas águas, exercia ainda papel preponderante, nos apetrechos indígenas, como amolador ou alisador de instrumentos. Recolhemos na jazida, passando de uma dúzia dêste tipo de utensílios, que se caracterizam pelas superfícies parcialmente polidas, devido ao desgaste pelo atrito com o instrumento a afiar ou a alisar. Os maiores são cascalhos volumosos e roliços de 6 a 7 quilos de pêso. Os menores não ultrapassam o tamanho do punho de uma criança, mas sempre apresentam alguma face mais aplanada, servindo de superfície de alisamento.

Entre os alisadores existe um exemplar de menção especial, devido a uma característica particular. Trata-se de um volumoso cascalho achatado, de forma elíptica e de 6 quilos de pêso. Ambas as faces apresentam extensas superfícies de alisamento. Numa das faces possui uma pequena cavidade, que se distingue dos quebra-nozes, primeiramente, por ser muito menor, tendo, apenas, o tamanho da ponta do dedo mínimo. Além disto, apresenta a superfície interna polida, o que não acontece nos quebra-nozes e, finalmente, ocupa posição excêntrica. Nos quebra-nozes, a cavidade, ocupa sempre uma posição axialmente oposta a um ponto de apoio firme da peça. A cavidade em questão, porém, situa-se num paralelo longitudinal, que se encontra a 1/3 da periferia da

elipse. Fazendo pressão ou percussão sôbre aquêle ponto, a pedra se desequilibra, porque o seu ponto de apôio oposto, encontra-se mais ao centro. Êstes detalhes sugerem, que êste alisador, tenha servido, oportunamente, de peça complementar do berbequim, i. é como cabeça de apoio à ponta superior, que se encaixava naquela cavidade do alisador.

Tembetás. Foram encontrados 15 artefatos similares de pedra polida, 10 inteiros e 5 fragmentados, que na forma lembram pequenas canoas, não escavadas, tendo uma face quase plana e o resto da superfície arredonda e abaulada à guisa de fundo de barquinha. O comprimento destas barquinhas oscila entre 4,3 e 6,8 cms.; a largura, geralmente, regula por 1 cm. e a espessura por um pouco menos. Uma das pontas é achatada e a outra cônica. Muitas vêzes a superfície tôda é perfeitamente polida. No museu etnológico do Colégio Catarinense existem muitas dezenas de artefatos semelhantes, que o Pe. Lutterbeck S. J. (1948) descreveu como tembetás. O tembetá é um objeto de adorno, que os indígenas, carregavam no septo nasal, nos lábios ou nas orelhas perfuradas. Carl von den Steinen, encontrou generalizado o uso do tembetá entre algumas tríbos indígenas do Rio Xingú. Descreve-o como pequeno fuso (Spindel). Apresenta também um desenho desta jóia, que em tudo se assemelha aos objetos recolhidos na nossa jazida.

e. *Pontas de flecha e outros utensílios.* A arma mais temível na mão do índio, sempre tem sido o arco com a seta certeira e às vêzes ervada com o mortífero "curare". E' óbvio, que os arcos embora confeccionados da madeira mais rija, não resistissem à ação destruidora dos séculos, na terra úmida da jazida. E' de admirar, porém, que não se encontrasse na bagagem, aliás tão rica e variada daquêle povo, nenhuma ponta de flecha de pedra lascada, semelhante às que existem às centenas no museu etnológico do Colégio Catarinense, também procedentes da Ilha de S. Catarina. As pontas de flecha, feitas de pedra lascada perecem ser, evidentemente, de época e de cultura diferente, do que o homem construtor da jazida. No entanto, êle também conhecia o uso do arco, porque foram encontradas, na jazida, pontas de flecha feitas de osso. Junto de um esqueleto de adulto, foi encontrada uma pequena ponta de flecha, feita de osso, de 5,5 cms. de comprimento, por 1,4 cms. de largura máxima. Consta de lâmina e de pé de encaixe. A lâmina tem uma das faces lisas, levemente convexa; a outra face é, simétricamente, chanfrada, apresentando, no meio, uma aresta longitudinal, resultando, daí, uma secção triangular para a lâmina. As farpas são assimétricas, uma em ângulo reto, a outra em ângulo muito obtuso. O pé de encaixe tem ambas as faces, levemente, convexas e alisadas. Esta ponta de flecha, pela aparência foi feita de osso humano. Já vi-

mos, acima, que foi encontrado, na jazida, um osso da perna (tíbia) cortado transversalmente.

Foram encontrados dois outros utensílios de osso, que devem ser considerados como pontas de flecha. Constam do osso longo de algum pássaro, partido longitudinalmente e apontado em ambas as extremidades, à guisa de bico de pena de escrever. Tem 6 a 7 cms. de comprimento e 0,7 cms. de largura.

Ponta de flecha ou, talvez furador, representa outro artefato ósseo, encontrado na jazida. Trata-se de uma peça, feita, segundo tôdas as aparências, de osso humano, partido longitudinalmente. Possui 9 cms. de comprimento e 1,3 cms. de largura máxima no pé. E' caprichosamente alisada e apontada. A ponta é quase cônica. O apontamento é acabado com suavidade, começando o alisamento já a 6 cms. da ponta. Na extremidade larga, oposta à ponta, apresenta um furo, quase circular, destinado à suspensão ou fixação da peça.

Foram encontrados diversos dentes de porco do mato, com um desgaste profundo na parte interna da corôa, resultando daí quinas vivas e cortantes e pontas agudas, que podem ter servido como furadores ou raspadores. Os dentes finos, duríssimos e ponteagudos do cação, que apareciam espalhados, abundantemente, na jazida, ostentando impecáveis o seu esmalte de brilho vivo e original, certamente, tiveram o seu uso no arraial, mesmo que fôsse, tão sòmente, com bisturis para abrir algum tumor maligno ou extrair alguma ponta de espinho do pé de um daquêles bugrinhos descalços e travessos. Os estilhaços finos e cortantes que, às centenas, saltavam dos seixos de basalto ao serem lascados e que apareciam em tôdas as camadas da jazida, prestariam ótimos serviços, quando se tratava de destripar ou retalhar algum peixe ou caça.

f. *Cerâmica.* A arte de fabricar vasilhame de barro cozido, muito vulgarizada e aperfeiçoada entre alguns povos indígenas, era de todo desconhecida de outros. As peças de cerâmica, mais ou menos bem acabadas em forma e decoração, constituem um dos critérios mais importantes, de julgar o grau de cultura de um povo. E' famosa, p. ex., a louça fabricada pelos habitantes primitivos da Ilha de Marajó, na fóz do Rio Amazonas, em virtude da variedade de formas, beleza de estilo e riqueza de motivos decorativos que a caraterizam. Carl von den Steinen diz, que, entre os povos do Rio Xingú, alguns, mais sésseis, conheciam a cerâmica, enquanto outros, de hábitos mais nômades e venatórios, não a usavam. Os etnólogos, geralmente, admitem, que o homem construtor dos sambaquís, desconhecesse o uso da cerâmica. Do outro lado sabemos, que o barro cozido desempenhava um papel muito importante, na vida dos indígenas de história mais recente. Todo o vasilhame da cozinha e da mesa, muitos objetos de adôrno, os

cachimbos para fumar, até as urnas funerárias, eram confeccionadas de barro cozido. E' natural que as formas e a decoração, pouco a pouco, iam-se adaptando e especializando para determinado uso.

Na ilha de S. Catarina a cerâmica indígena, decorada ou não decorada, é sobremaneira abundante. No museu etnológico do Colégio Catarinense, além de numerosas peças, mais ou menos inteiras, existem passante de 80.000 fragmentos de cerâmica, recolhidos na Ilha pelo Sr. Carlos Berenhäuser. Na mesma jazida encontramos uns 180 fragmentos de cerâmica, que se achavam esparsos por tôdas as camadas da terra de cultura. Com exceção de uma única peça, tôdas têm paredes lisas, sem a mínima ornamentaçã ou desenho. A côr, nas peças mais finas, é de uma tonalidade escura, com transições para marron. Nas peças de paredes mais grossas, a côr é castanha clara, lembrando a côr das telhas ou vasos de flôres modernos. A parte, referente à cerâmica da jazida, será tratada "ex professo" por Inácio Schmitz S. J.

Queremos chamar a atenção, apenas, para três peças, que nos parecem dignas de nota especial. A primeira é um fragmento da borda superior de uma vasilha com gargalo, que teria uns 16 cms. de diâmetro de boca e de 6 a 7 mm. de espessura de parede. É única peça que apresenta decorações, constantes de depressões regulares e simétricas em forma triangular. As depressões menos profundas, ficam, duas a duas, encostadas uma à outra por um ângulo. Desta juxtaposição resulta uma espécie de chave gráfica, como se usa na matemática, que daria também um bom motivo para o número "três" cheio, como se usa na arte moderna. A terceira depressão, mais profunda, ocupa um lugar pouco acima da figura precedente. Vista no seu conjunto, esta decoração muito simples e primitiva, dá uma impressão de suave beleza.

A segunda peça é, quase, metade de um prato, de uns quatro centímetros de altura e quatorze centímetros de diâmetro de abertura. As paredes não são muito lisas, nem uniformes. A espessura da parede, que no fundo do prato atinge 10 mm., no rebordo superior se reduz a 3 ou 4 mm. A côr, castanho-clara, é idêntica à côr dos artefactos das olarias modernas. A peça foi encontrada na camada das conchas e repleta delas. — A terceira peça, é um fundo de vaso, de 14 centímetros de diâmetro, que, na forma, lembra uma calota de crânio humano. A espessura das paredes varia de 4 a 6 mm. A côr é, predominantemente, preta. Apenas na parede externa, apresenta algumas pequenas zonas de côr marron. Esta peça foi encontrada junto do crânio nº 11, ao nível dos esqueletos, normalmente, enterrados a 1 metro de profundidade. Pertencia, evidentemente, aos trastes culinários dos construtores da jazida.

IV. PARTE DESCRITIVA

Para fins de um estudo comparativo com o material existente em outras coleções, daremos, a seguir, uma descrição mais detalhada dos crânios e de parte do material recolhido, com algumas medições. As medidas cranianas, serão dadas em um quadro sinóptico geral.

A. CRÂNIOS

Crânio n.º 1. Trata-se do crânio de um esqueleto de homem em idade adulta. O crânio, completamente fraturado, foi reconstituido. Falta grande parte dos ossos da base craniana e dos ossos internos da face. O desgaste dos dentes é relativamente pequeno, tendo chegado, apenas, a alisar as saliências naturais da corôa dos dentes. Falta o dente de siso superior direito; o primeiro incisivo e o canino esquerdo da mandíbula, que se perderam por descuido. Visto em norma superior, apresenta os contornos largos, quase esférico atrás, vai estreitando suavemente para a frente. É francamente fenózigo. A sutura sagital está, parcialmente, obliterada; na sutura coronal e lambdóide, não se nota indício de obliteração. A sutura sagital e coronal são simples, a lambdóide é algo denteada. Em norma lateral: spina nasalis alta, nariz e região da glabela prejudicados; curva sagital, quase, esférica: ínio em depressão. Em norma posterior: perfil domiforme típico; linhas da nuca muito fortes, occipital não muito elevado. Em norma inferior: apófises mastóides robustas; paladar profundo, arco dentário, quase reto na frente; o resto prejudicado. Em norma anterior: face alargada; malares muito salientes, processus zygomaticus maxillae muito saliente em forma de gancho; as órbitas alargadas, com chanfratura superorbitária; arcadas superciliares robustas; linha frontotemporal em aresta viva, o resto prejudicado.

A mandíbula é especialmente robusta e desenvolvida em todas as suas partes; apresenta ossos largos e espessos. A região antero-inferior do mento é espessa, mas o rebordo é menos acentuado, do que nos indivíduos masculinos mais idosos. Os ramos ascendentes são largos e altos; as apófises condilóide e coronóide robustas; a incisura mandibulae curta e profunda, o angulus mandibulae, quase reto, a tuberositas massetericae em rebordo.

Crânio n.º 2. Crânio do esqueleto de um indivíduo do sexo feminino em idade madura. O crânio encontra-se em estado de conservação muito bom. Faltam alguns ossos da parte interior da face. No maxilar superior falta o primeiro pré-molar e o segundo incisivo direitos; os dois pré-molares, o canino e os incisivos esquerdos. O canino e o incisivo restantes, são desviados da sua

direção, dirigindo-se obliquamente para a frente. É o único crânio, que apresenta esta anomalia. Na mandíbula existem, apenas, o primeiro pré-molar e o canino do lado direito; o primeiro pré-molar, o canino e o segundo incisivo do lado esquerdo. O desgaste dos dentes é extremo, chegando, nos incisivos à altura da gengiva, pondo à mostra o canal do nervo. No primeiro grande molar superior há desgaste de parte da raiz. Apesar disto, não há vestígio de cárie nos dentes. Em norma superior: ovóide, fenózigo acentuado. As suturas de forma simples; a sagital parcialmente obliterada; na coronal e na lambdóide começos de obliteração.

Em norma lateral: ossos nasais fortemente arqueados; násio profundo; glabela cheia, alargada; fronte baixa, inclinada; arco sagital regular elíptico; ínio saliente. Em norma posterior: perfil domiforme característico, linhas da nuca bastante acentuadas. Em norma inferior: apófises mastóides pequenas; côndilos regulares; crista occipitalis em aresta curta; forámen magnum pequeno, piriforme, 32 x 28 mm.; paladar profundo; arco dental desfigurado pelo deslocamento e desgaste dos dentes. Em norma anterior: temos diante de nós uma face alargada, que dá a impressão de ter sido comprimida de baixo para cima; malares e arcos zigomáticos particularmente salientes, fossa canina, em depressão profunda; órbitas grandes, quase quadradas, a direita com chanfratura, a esquerda com foramen supraorbitale; arcadas superciliares fortes; fronte relativamente estreita. A altura da face é sensìvelmente reduzida pelo desgaste e recúo dos maxilares.

A mandíbula conserva, apenas, cinco dentes, desgastados até a gengiva e em vias de serem rejeitados. Os alvéolos dos dentes perdidos, estão, na maioria, completamente obliterados. A mandíbula apresenta um recúo deformante. Confrontando esta mandíbula pobre e atrofiada, com a mandíbula imponente e maciça do crânio nº 1, a primeira vista, ninguém diria, que se trata de indivíduos da mesma raça. No entanto, a configuração da parte antero-inferior do mento, em linha quase reta, com um fraco rebordo e os ramos ascendentes, ainda largos, embora depauperados e de pouca espessura óssea, mostram ainda, os carateres raciais idênticos. A mandíbula apresenta a protuberantia e o tuberculum, particularmente salientes.

Crânio nº 3. O esqueleto dêste crânio está incompleto, devido ao estado adiantado de decomposição. É de indivíduo do sexo feminino; a julgar pelo desgaste arrazador dos dentes e recúo profundo do maxilar em idade, bastante avançada. O estado de conservação do crânio é bom, com exceção da face e da base. No maxilar superior faltam todos os incisivos e o canino esquerdo. Os alvéolos dêstes dentes encontram-se, completamente, obliterados. O maxilar apresenta, na parte anterior, um recúo profundo. Em norma superior apresenta-se ovóide, acentuadamente fenózigo. A

sutura sagital está em estado adiantado de obliteração, nas suturas coronal e lambdóide, há apenas indícios de obliteração. As suturas são simples. Em norma lateral: ossos nasais, levemente, arqueados; násio pouco profundo; glabela cheia, fundindo-se com as arcadas superciliares; fronte baixa, inclinada; curva sagital, achatada por cima, com leve depressão no bregma, devido a uma fraca lofocefalia; ínio em depressão. Em norma posterior: domiforme suave, declive lateral fraco; ocipúcio saliente; linhas quase apagadas. Em norma inferior: crista occipitalis em aresta fraca; apófises mastoides e côndilos pouco desenvolvidos; forámen magnum pequeno, piriforme, 35 x 30 mm.; paladar profundo; arco dental arruinado pelo desgate dos dentes e recúo do maxilar. Em norma anterior: face alargada e deprimida; altura reduzida pelo recúo do maxilar. As órbitas tendem para a forma quadrada; a fronte não muito larga, malares salientes; crista fronto-temporal suave. No lado esquerdo do temporal, ao lado da crista fronto-temporal, apresenta pequena depressão, com três estrias extensas, que parecem procedentes de algum ferimento com ofensa do osso, não de todo obliterada.

A mandíbula, pelo desgaste e perda consequente dos dentes, foi reduzida a um estado de recúo lastimável. Dos dentes restam, apenas, os caninos, os pré-molares direitos e um pré-molar esquerdo. Os alvéolos dos outros dentes estão obliterados. Alguns dos molares, parecem ter sido extraídos à força, com fragmentos do maxilar. A largura óssea, nestas zonas, em ambos os ramos da mandíbula, não ultrapassa um centímetro. É a mandíbula mais profundamente deformada de tôda a série estudada. Os ramos ascendentes são largos, mas depauperados e pouco espessos. O angulus mandibulae é, quase, reto; a parte antero-inferior do mento é reta, em leve rebordo, fortemente projetada para a frente.

Crânio n.º 4. O esqueleto, dêste crânio, se perdeu nas escavações. É um belo exemplar de crânio, pesado e maciço, de indivíduo masculino, em idade madura, em estado ótimo de conservação, faltando, apenas alguns fragmentos da parte interna da face. A dentadura é completa. O desgaste dos dentes é regular, pondo em todos êles, exceto nos dentes de siso, a descoberto a dentina. Nota-se nos dentes abundante tártaro. Visto, em norma superior, apresenta um perfil alargado. É o crânio mais largo e de maior capacidade craniana de tôda a série. É francamente fenózigo. A sutura sagital está, parcialmente, obliterada; as suturas coronal e lambdóide com inícios de obliteração; todas bastante denteadas. A sutura lambdóide apresenta, lateralmente, uma configuração algo estranha. Em norma lateral: ossos nasais em curva suave; násio pouco profundo; glabela cheia e alargada; fronte baixa, inclinada, com leve depressão acima das arcadas superciliares; curva sagital, quase circular; ínio saliente. Em norma

posterior: domiforme, de teto em declive muito suave; larga depressão acompanhando 2/3 da sutura sagital; occipital muito maciço; linhas da nuca muito acentuadas. Em norma inferior: apófises mastóides muito robustas; côndilos bem desenvolvidos; crista occipitalis em aresta mui suave; forámen magnum piriforme, relativamente pequeno, 35 x 30 mm; paladar profundo; arco dental um tanto irregular, alargado, quase reto na frente; espaços interdentários entre incisivos e caninos. Em norma anterior: face alargada, malares salientes, fronte larga; órbitas grandes, quadrangulares; arcadas superciliares fortes; crista fronto-temporal em aresta viva, prolongada até a sutura coronal.

A mandíbula está com todos os dentes. É robusta, maciça, angulosa. O desgaste dos dentes é uniforme e atinge a dentina. A parte inferior do mento é reta, em rebordo, projetado para a frente; os incisivos acompanham a linha reta do mento inferior. A tuberositas masseterícae é acentuada; o angulus mandibulae, quase reto; os ramos ascendentes largos e robustos; as apófises coronóide e condilóides, acompanham a robustez do conjunto; a incisura mandibulae é estreita e profunda.

Crânio nº 5. É o crânio de um homem em idade madura. Os membros inferiores do esqueleto se perderam na exploração da areia da jazida. O estado de conservação do crânio é bom; faltam os ossos internos da face e fragmentos da base do crânio. A dentadura está completa. Na maioria dos dentes, a coroa está desgastada até a gengiva. Em norma superior, o perfil tende para a forma ovóide, francamente fenózigo. A largura dos arcos zigomáticos é igual à largura máxima do crânio. A sutura sagital encontra-se, completamente, obliterada. O grau de obliteração da sutura coronal não se constata, devido à fratura. A sutura lambdóide, está algo denteada, as outras são simples. Em norma lateral: ossos nasais quase retos (fraturados na ponta); násio pouco profundo; glabela cheia; fronte fugida; lofocéfalo, não muito acentuado; curva sagital um tanto irregular; ínio levemente deprimido. Em norma posterior: domiforme, com declive regular; occipital alto; linhas da nunca muito acentuadas; crista occipitalis em aresta forte. Em norma inferior: apófises mastóides e côndilos muito desenvolvidos; forámen magnum quase circular, 37 x 38 mm.; arco dental regular, com espaços interdentários grandes entre incisivos e caninos; paladar profundo. Em norma anterior: face comprida; fronte não muito larga; arcadas superciliares bem formadas; órbitas quadradas, com chanfratura superorbitária.

A mandíbula robusta já apresenta traços de recúo, devido ao desgaste dos dentes. Possui ainda todos os dentes, desgastados até a gengiva. Os ramos ascedentes, neste indivíduo, são muito inclinados, ficando as apófises coronóides, em plano bem mais elevado, do que as condilóides. O rebordo na região antero-inferior

do mento, não é muito acentuado, lembrando antes um crânio de indivíduo feminino.

Crânio nº 6. Trata-se do crânio maciço, anguloso e robusto do esqueleto de um homem, na idade madura, em ótimo estado de conservação. Faltam os ossos internos do nariz. No maxilar superior faltam os três molares direitos e o terceiro molar esquerdo. O 1º molar esquerdo, está preso, apenas, pela raiz interna, apresentando uma fratura do alvéolo externo "in vivo". Parece ter havido tentativa de extração violenta, que redundou em fratura óssea. Os alvéolos dos dentes, que faltam, estão obliterados, na maioria. O desgaste eliminou a corôa dos dentes até a gengiva. Em norma superior, o crânio apresenta contornos, levemente, ovóides; mais largo nos arcos zigomáticos do que na parte posterior; fenózigo. Tôdas as suturas estão, parcialmente, obliteradas. O crânio apresenta um pequeno osso wormiano, no encontro das suturas sagital e lambdóide. Em norma lateral: spina nasalis robusta; násio profundo; glabela cheia, fundindo-se com as arcadas superciliares; fronte, francamente, fugida; curva sagital não de todo regular; região deprimida no fim da sutura sagital; ínio em leve depressão. Em norma posterior: domiforme com bastante declive; linhas da nunca muito acentuadas. Em norma inferior: crista occipitalis não muito viva; forámen magnum arredondado atrás e alongado na frente, 35 x 30 mm; paladar profundo; apófises mastóides e côndilos muito desenvolvidos. Em norma anterior: fronte comprida, fugida, não muito larga; crista fronto-temporal em aresta viva; arcadas superciliares muito salientes; órbitas grandes quadradas, a direita com chanfradura, a esquerda com forámen superorbitário; malares muito salientes; processus zygomaticus maxillae em gancho.

A mandíbula, particularmente angulosa, nos contornos, revela ainda a robustez primitiva. Devido, porém, ao desgaste e perda consequente dos dentes, apresenta-se recuada, especialmente, na região dos molares. Dos dentes restam, apenas, os incisivos esquerdos e todos os pré-molares. Perderam-se as apófises condrióide e coronóide esquerdas. A região antero-inferior do mento apresenta uma linha reta de 40 mm., com rebordo acentuado. A tuberositas massetericae, forma, igualmente um rebordo acentuado; o angulus mandibulae é, quase, reto.

Crânio nº 7. Presumìvelmente de um rapaz dos seus 10 a 12 anos. O crânio fraturado, foi reconstituido, faltando alguns fragmentos da base craniana e do interior da face; está ainda com dentição de leite. Na mandíbula faltam três dentes dianteiros, que se perderam por descuido. As suturas, todas abertas, apresentam configuração simples. Em norma superior, apresenta-se alargado atrás, estreitando um pouco em direção da fronte. A fronte é bastante reta, os ossos zigomáticos pouco salientes, as órbitas já

apresentam os contornos internos quadrangulares. Os incisivos médios do maxilar superior são muito largos e salientes. Os dentes já apresentam um desgaste visível, que chegou a alisar os dentes molares. Em largura óssea, a mandíbula atinge o calibre de uma mandíbula de homem adulto moderno.

Crânio nº 8. Trata-se de um crânio de mulher, em idade madura. O crânio fraturado foi reconstituido, sendo substituida artificialmente parte da face; faltam fragmentos ósseos da base do crânio. Os dentes, na maioria, se perderam, devido ao desgaste, que atingiu a raiz dos dentes, provocando um recúo deformante do maxilar. Em norma superior apresenta-se ovóide, fenózigo, de suturas simples, parcialmente obliteradas. Em norma lateral: glabela cheia, fundida com as arcadas superciliares; fronte baixa, pouco inclinada, em leve depressão; curva sagital um tanto irregular, em pão de açúcar; ínio em depressão. Em norma posterior: domiforme, com teto em declive forte (ogival); occipital alto, linhas da nuca suaves. Em norma inferior: crista occipitalis muito fraca; apófises mastóides largas, mas baixas; o resto prejudicado. Em norma anterior: fronte não muito larga; arcadas superciliares normais; malares salientes; crista fronto-temporal suave.

A mandíbula encontra-se em estado lastimável de recúo, devido ao desgaste dos dentes, todos rejeitados e com os alvéolos já obliterados, restando, apenas, os incisivos e os pré-molares, reduzidos a petição de miséria. A protuberantia mentalis muito acentuada; todo o resto muito depauperado, devido ao recúo extremo; ramos ascendentes bastante inclinados.

Crânio n.º 9. De indivíduo feminino em idade, apenas, adulta; em perfeito estado de conservação; dentadura completa, faltando, apenas, os dentes de siso na mandíbula; desgaste dos dentes, relativamente pequeno, simétrico. Em norma superior apresenta-se fenózigo, inclinando para o perfil ovóide. As suturas são simples, ainda abertas, apenas a sutura esfeno-occipital em começos de obliteração. Em norma lateral: spina nasalis forte; násio pouco profundo; glabela cheia, fundida com as arcadas superciliares; fronte fugida; curva sagital, bastante regular; ínio em depressão; ptério em H. Em norma posterior: domiforme com teto em declive suave; ocipital alto; linhas da nuca suaves. Em norma inferior: apófises mastóides e côndilos de tamanho regular; crista occipitalis, quase, apagada; forámen magnum pequeno, quase circular, 31 x 28 mm.; paladar muito profundo; arco dental bastante regular. Em norma anterior: face quase oval; fronte arredondada; arcadas superciliares fracas; malares pouco salientes; órbitas quadradas.

A mandíbula apresenta uma configuração simétrica e robusta; dentes simètricamente alisados pelo desgaste; gônio em leve depressão; ramos ascendentes largos; apófises condilóides e coro-

nóides de tamanho regular; incisura mandibulae profunda; angulus mandibulae, quase, reto.

Crâneo nº 10. É um crânio isolado (sem esqueleto) de linhas gerais suaves e delicadas, de indivíduo do sexo feminino, em idade senil. O estado de conservação é muito bom. Apresenta uma fissura originária, talvez "causa mortis", a começar da sutura lambdóide, atravessando todo o parietal esquerdo e, pelo bregma, até meio frontal, onde quebra para a esquerda, até encontrar a sutura temporal. Os dentes do maxilar superior, todos presentes, apresentam desgaste acentuado, que põe a descoberto o canal dos nervos, mas ainda não atinge a raiz do dente. Em norma superior: ovóide, fenózigo; sutura coronal e sagital, quase de todo, lambdóide, parcialmente obliterada. Em norma lateral: násio pouco profundo; glabela quase cheia; fronte baixa, inclinada, em leve depressão; fracamente lofocéfalo; arco sagital, quase, regular; ínio levemente deprimido. Em norma posterior: domiforme, em declive suave; occipital alto; linhas da nuca, muito suaves. Em norma inferior: crista occipitalis, quase, apagada; apófises mastóides e côndilos regulares; forámen magnum ovóide, 33 x 28 mm; paladar muito profundo, arco dental simétrico; espaços interdentários entre incisivos e caninos. Em norma anterior: fronte de largura regular; crista fronto-temporal suave, mas comprida; arcadas superciliares bastante salientes; suturas nasomaxilares em sulco acentuado; malares não muito salientes; órbitas quadrangulares.

Na mandíbula faltam os pré-molares, os dois primeiros molares direitos, os incisivos e o segundo molar esquerdos. Os alvéolos dos dentes perdidos, ainda não estão de todo obliterados. O desgaste dos dentes, atingiu as gengivas; o recúo da mandíbula acentuado, em vias de rejeitar todos os dentes; os ramos ascendentes, largos e pouco altos; apófises condilóide e coronóide regulares. No ângulo da mandíbula, os dois ramos ascendentes são torcidos para dentro, apresentando tuberositas massetericae e pterigóidea em rebordos acentuados.

Caveira n.º 11. Esta caveira foi encontrada sem mandíbula; a poucos centímetros de um pedaço de cerâmica. O esqueleto havia sido destruido pelos operários da Base, na exploração da areia. Trata-se de uma caveira pesada e maciça, de um indivíduo do sexo masculino, em idade madura. O estado de conservação é ótimo, mas os dentes foram reduzidos à petição de miséria pelo desgaste, que atinge as raízes de muitos dêles e provocou a queda da metade. Do lado direito existem, ainda, os primeiros molares e o segundo pré-molar; no lado esquerdo todos os molares e pré-molares. O maxilar apresenta um recúo acentuado. O primeiro molar esquerdo apresenta um desgaste lateral externo, âue atinge a raiz (= biselamento); porque já "in vivo", estava solto e des-

locado para dentro. Os alvéolos dos dentes perdidos, ainda não estão obliterados. Em norma superior, apresenta-se ovóide e fenózigo. Nas suturas não se verifica, ainda, obliteração alguma. A sutura coronal e sagital são simples; a lamdóide é muito ramificada. Em norma lateral: nariz fortemente arqueado; násio profundo; glabela cheia; fronte baixa, fugida, curva sagital regular, ovóide; ínio saliente; crista fronto-temporal em aresta viva e prolongada até a sutura coronal. Em norma posterior perfil domiforme, em declive suave. No encontro da sutura sagital com a lambdóide, apresenta um osso wormiano de 30 x 23 mm. deslocado para a direita. As linhas da nuca são muito acentuadas. Em norma inferior: crista occipital quase apagada; apófises mastóides e côndilos muito desenvolvidas; foramen magnum grande, alongado, 40 x 36 mm. Em norma anterior: face alargada com malares salientes; órbitas grandes, quadrangulares; arcadas superciliares salientes; fronte bastante larga.

Crânio n.º 12. De indivíduo feminino, em idade adulta. Faltam fragmentos da base do crânio, do maxilar superior e partes adjacentes. Os dentes do maxilar superior foram perdidos em vida, achando-se os alvéolos, na sua maior parte já obliterados e o maxilar recuado de maneira deformante. Em norma superior: perfil ovóide, fracamente fenózigo. As suturas, ainda abertas; a coronal de configuração simples, a sagital e a lambdóide, algo dentadas. Em norma lateral: glabela mui pouco saliente, fronte baixa, inclinada, fracamente deprimida; curva sagital, com algumas depressões e elevações fracas; ínio áspero e rugoso, um pouco deprimido; ptério em H. Em norma posterior: domiforme, em declive forte; occipital alto; linhas da nuca, para indivíduo feminino, muito fortes. Em norma inferior: uma apófise mastóide e um côndilo de proporções reduzidas, os outros perdidos; o resto prejudicado. Em norma anterior: cara alargada; órbitas muito grandes quadrangulares, quase quadradas; arcadas superciliares salientes, fronte larga, crista fronto-temporal suave.

Dentro da órbita esquerda, na parte superior, apresenta uma perfuração perfeitamente circular, feita "post mortem", porque não se observa reconstituição óssea alguma, de aproximadamente 1 cm. de diâmetro.

A mandíbula possui, ainda, grande parte dos dentes, faltando, apenas, os incisivos, o segundo pré-molar e o dente do siso esquerdo. O desgaste dos dentes é extremo, atingindo em muitos dêles a própria raiz do dente; devido a isto a mandíbula apresenta recúo muito acentuado, em vias de rejeitar todos os dentes. Os alvéolos dos dentes perdidos, na maioria, estão obliterados. A região infero-anterior do mento é arredondada, com a protuberântia mentalis muito proeminente. Todo o maxilar é muito depauperado e enfraquecido devido ao recúo.

Crânio n.º 13. Crânio, de indivíduo do sexo feminino em idade adulta, em perfeito estado de conservação com a dentadura completa apesar do desgaste grande que atinge as gengivas. Em norma superior: perfil elíptico, fenózigo; suturas todas abertas, simples, com exceção da lambdóide, que apresenta grande número de ossos wormianos pequenos e um maior, de 50 x 50 mm., êste no encontro da sutura sagital com a lambdóide. Em norma lateral: glabela cheia, fundindo-se com as arcadas superciliares; násio muito pouco profundo; fronte fugida; a curva sagital, sofrendo uma forte depressão, no encontro com o osso wormiano; occipúccio protuberante; ínio saliente. Em norma posterior: perfil domiforme, em declive forte; linhas da nuca bastante acentuadas. Em norma inferior: apófises mastóides e côndilos fracos e suaves; forámen magnum pequeno, 34 x 28 mm; ovóide; paladar profundo, arco dental simétrico de forma elítica, com espaços intermediários, não muito grandes. Em norma anterior.: face comprida e estreita; malares pouco salientes; órbitas muito grandes, quase quadradas; arcadas superciliares suaves, fronte estreita.

A mandíbula forte e bem formada, possui, ainda todos os dentes, desgastados até as gengivas e em vias de serem rejeitados. O recúo da mandíbula em começos. A região do gônio é arredondada, um pouco levantada; os ramos ascendentes pouco inclinados; as apófises coronóide e condilóide regulares; a incisura larga e pouco profunda.

*Crânio n*º 14. É o crânio maciço de um homem de idade madura em muito bom estado de conservação, faltando apenas alguns fragmentos ósseos interiores da face. Tem todos os dentes, com exceção do dente de siso superior direito. O desgaste dos dentes é muito grande, deixando, nos dentes dianteiros, o canal do nervo a descoberto, e atingindo em outros a raiz. Em norma superior: elipsóide, fenózigo acentuado. A sutura coronal e lambdóide são simples e, parcialmente, obliteradas. A sutura lambdóide é algo denteada, ainda não obliterada. Em norma lateral: espinha nasal saliente, násio profundo; glabela saliente; fronte inclinada; ínio muito deprimido. Em norma posterior: domiforme arredondado por cima, linhas da nuca pouco acentuadas. Em norma inferior: côndilos robustos, apófises mastóides regulares; forámen magnum grande e piriforme (40 x 35 mm.); paladar profundo, arco dental um tanto irregular. Em norma anterior: fronte estreita, arcos superorbitários e malares salientes, órbitas quadrangulares com chanfradura superorbitária.

A mandíbula robusta, apresenta, ainda, todos os dentes com desgaste, que em alguns dêles já atinge a raíz. Observa-se começo de recúo, com rejeição dos dentes. O mento forma, inferiormente, uma linha reta, de 30 mm. com fraco rebordo. A tuberositas massetericae em rebordo acentuado; o angulus mandibulae, quase re-

to, ramo ascendente largo, apófise condilóide e coronóide, bem desenvolvidas; incisura mandibular estreita e pouco profunda.

Calvaria nº 15. Caixa craneana, recolhida pelos operários da Base, de mulher adulta. Faltam a face, os arcos zigomáticos e um fragmento do temporal esquerdo. Em norma superior: apresenta forma ovóide. As suturas são simples, a lambdóide um pouco ramificada; sem obliteração. Em norma lateral: násio pouco profundo; glabela levemente saliente, confundindo-se com as arcadas superorbitárias; fronte inclinada; curva sagital regular; ínio deprimido. Em norma posterior: domiforme, linhas da nuca medianas. Em norma inferior: apófises mastóides: esquerdo muito baixo, direito mais desenvolvido; forámen magnum elíptico, tamanho regular 35 × 30 mm.

Crânio nº 16. Crânio de homem idoso, em bom estado de conservação; faltam alguns fragmentos ósseos internos da face. No maxilar superior faltam, apenas, 2 incisivos dianteiros; na mandíbula faltam todos os dentes incisivos, os segundos pré-molares e os primeiros molares. O desgaste dos dentes é extremo, atingindo em muitos dêles a raiz do dente. Em norma superior: elipsóide, acentuadamente fenózigo. A sutura coronal, quase tôda obliterada, as outras, parcialmente, obliteradas.

Em norma lateral: spina nasalis saliente; násio pouco profundo; glabela cheia; fronte inclinada; occipúcio achatado; ínio cheio. Linha fronto-temporal em aresta viva. Em norma posterior: domiforme, teto em declive muito suave, as linhas da nuca fraca, crista occipitalis forte. Em norma inferior: crista occipitalis em aresta viva, apófises mastóides robustas; côndilos desenvolvidos, forámen magnum em forma de amêndoa (37 x 35 mm.), tamanho regular; palatino profundo, arco dental elíptico. Em norma anterior: rosto largo; arcadas superorbitárias robustas; malares salientes; processus zigomaticus maxillae forte em unha; órbitas quadrangulares, não muito grandes, 40 x 35 mm., com forámen superorbitário.

A mandíbula apresenta um desgaste extremo, atingindo a raiz nos poucos dentes que restam, em vias de rejeitar todos os dentes, afora os dentes de siso, menos desgastados. Os alvéolos dos dentes rejeitados, estão quase de todo, obliterados e o corpus mandibulae, num estado de recúo deformante. Apenas os ramos ascendentes manifestam, pela sua largura, o calibre original; o angulus mandibulae é quase reto; a incisura mandibulae profunda.

Crânio nº 17. Crânio pesado e maciço de um homem, em idade madura, em ótimo estado de conservação, faltando, apenas, alguns fragmentos ósseos internos da face e da base do crâneo. O maxilar superior tem todos os dentes, na mandíbula faltam os incisivos, dianteiros, o canino e o primerio pré-molar esquerdo. O desgaste dos dentes é grande, atingindo a gengiva e pondo a des-

coberto o canal do nervo. Em norma superior, apresenta-se elipsóide, fenózigo acentuado. A sutura coronal é simples, em parte obliterada, a sagital e lambdóide algo ramificadas em vias de obliteração. Em norma lateral: spina nasal saliente; násio profundo; glabela algo deprimida; fronte comprida, menos fugida; curva sagital irregular, com depressão no comêço e na região terminal da sutura sagital; francamente lofocéfalo; ínio pouco saliente. Em norma posterior: domiforme, teto em declive acentuado, com occipital alto, linhas da nuca fracas. Em norma inferior: crista occipitalis fraca; côndilos desenvolvidos e apófises mastóides robustas, a direita mais do que a esquerda; forámen magnum pequeno, alongado (34 x 28 mm.). Paladar profundo; arco dental irregular, quase reto na frente. Em norma anterior, apresenta os dentes incisivos e pré-molares direitos mais desgastados, que os esquerdos, resultando daí a impressão de um rosto assimétrico; os molares salientes; os órbitas muito largas com chanfradura superorbitária; as arcadas superorbitárias robustas e salientes; fronte não muito larga; linha fronto-temporal em aresta, não muito acentuada.

A mandíbula, apesar do grande desgaste dos dentes e de sinais evidentes de recúo e rejeição dos dentes, apresenta-se ainda robusta e larga. A parte antero-inferior do mento, apresenta uma linha reta de 35 mm., com o rebordo característico, não muito acentuado. Os ramos ascendentes são robustos e largos; o angulus mandibulae quase reto; as apófises coronóides inclinadas para fora.

Crânio nº 18. É um crânio leve e delicado de indivíduo feminino em idade adulta, em muito bom estado de conservação, faltando, apenas, um fragmento do arco zigomático e dos ossos interiores do nariz. Possui todos os dentes. O desgaste dos dentes é bem acentuado, atingindo em alguns a gengiva. Em norma superior é oval fenózigo. As suturas tôdas abertas, apresentam-se pouco ramificadas. Em norma lateral, apresenta spina nasal saliente, násio pouco profundo; glabela levemente saliente; fronte muito pouco inclinada; arco sagital regular; ínio deprimido. Em norma posterior: domiforme, com occipital muito desenvolvido, linhas da nuca suaves. Em norma inferior: côndilos regulares; apófises mastóides pequenas, a direita quase desaparece; forámen magnum pequeno, 34 x 29 mm; pouco alongado; palatino profundo; arco dental simétrico; elipsóide. Em norma anterior: rosto alargado, malares salientes, arcadas superorbitárias, quase, apagadas; fronte suave, não muito larga; órbitas quadrangulares não muito grandes, 40 x 34 mm.

A mandíbula é robusta e simétrica, o recúo é insignificante, os dentes todos presentes; alguns já desgastados até a gengiva; os dentes do siso, ainda não de todo alisados pelo desgaste. A parte inferior do mento, apresenta uma reta de 30 mm, com fraco re-

bordo. O ramo ascendente é largo, não muito alto; o angulus mandibulae é quase reto.

Crânio nº 19. Crânio de indivíduo do sexo masculino, em idade madura. O crânio parcialmente fraturado, foi reconstituído, vindo a faltar alguns fragmentos ósseos da base e do interior da face, bem como um fragmento do arco zigomático esquerdo. No maxilar superior, faltam os dois incisivos e o segundo pré-molar direito e o primeiro pré-molar esquerdo. Na mandíbula faltam o dente do siso direito, os dois incisivos médios e o primeiro pré-molar esquerdo. O desgaste dos dentes é muito grande, atingindo em muitos dêles a raiz. Os alvéolos dos dentes perdidos, ainda não estão obliterados. Em norma superior, tende para a forma ovóide; é francamente fenózigo. As suturas tem configuração simples; a coronal e lambdóide estão abertas; a sagital está, parcialmente, obliterada.

Em norma lateral, apresenta o násio não muito aprofundado; a glabela cheia; a fronte fugida, a curva sagital regular; ínio bem saliente. Em norma posterior: occipital bem desenvolvido; perfil fracamente domiforme. Em norma inferior: côndilos e apófises mastóides, tamanho regular; forámen magnum, anteriormente fraturado, posteriormente em ângulo reto; paladar profundo; o arco dental regular.

Em norma anterior: cara alargada, com molares bem salientes; arcadas super-orbitárias altas; linha fronto-temporal, pouco acentuada; órbitas grandes, quadrangulares, com forámen supra-orbitário.

A mandíbula é maciça e robusta. O desgaste dos dentes, nos molares, eliminou parte da raiz; apesar disto o recúo é relativamente fraco. A região do gônio apresenta, apenas, fracos indícios de rebordo; inferiormente, porém, os ossos do mento são espessos e fortes e apresentam um sulco original transversal, de tuberculum a tuberculum mentale. Os ramos ascendentes são largos, não muito altos, a tuberositas massetericae forte. A apófise coronóide é larga e pouco aguda; a incisura mandibulae estreita; o angulus mandibulae, quase reto.

Crâneo n.º 20. De indivíduo do sexo feminino em idade madura. A caixa craniana é bem conservada, fraturou-se, porém, a face pelas órbitas, perdendo-se o arco zigomático. No maxilar superior faltam os dentes do siso, os incisivos e o segundo molar direito. Os alvéolos dos dentes perdidos estão todos abertos. O desgaste dos dentes é extremo atingindo em muitos dêles a raiz e deixando, em outros, aberto o canal do nervo. Em norma superior: ovóide; as suturas de configuração simples, a coronal quase toda obliterada, as outras em vias de obliteração. Em norma lateral: násio muito pouco profundo; glabela um pouco saliente; fronte não muito inclinada; curva sagital regular, ínio quase pla-

no. Em norma posterior: domiforme, com occipital desenvolvido e alto; linhas da nuca, muito fracas. Em norma inferior: côndilos e apófises mastóides fracas; forámen magnum pequeno, quase circular (30 x 30 mm.). Em norma anterior: arcadas superorbitárias, muito suaves; fronte, relativamente, estreita.

Do ramo direito da mandíbula, existe tão sòmente pequeno fragmentos com os dentes incisivos; no ramo esquerdo, faltam todos os dentes exceto os incisivos e o canino, todos muito desgastados. Os alvéolos dos dentes caídos, estão, na maioria, obliterados e o recúo do maxilar, é deformante. O gônio é elevado; o ramo ascendente largo e pouco espêsso, o angulus mandibulae reto.

Crânio nº 21. De indivíduo do sexo feminino em idade adulta. O crânio fraturado foi reconstituido. O maxilar superior, imperfeitamente reconstituido, apresenta um desgaste dos dentes, que não atinge a gengiva. Em norma superior forma ovóide. As suturas são simples; a coronal fraturada, parece ter sido, parcialmente, obliterada; a sagital e lambdoide são abertas. Em norma lateral apresenta: glabela cheia; fronte arredondada; curva sagital regular; ínio saliente. Em norma posterior: domiforme, occipúcio protuberante, as linhas da nuca confusas. Em norma inferior: côndilos e apófises mastóides pequenas, o resto prejudicado.

Na mandíbula faltam os dois incisivos esquerdos; o canino e os pré-molares. Os alvéolos dos dentes perdidos estão obliterados. O desgaste dos dentes, na mandíbula, é muito mais acentuado do que no maxilar superior, atingindo, em alguns, já a raiz.

A mandíbula apresenta um recúo tão grande, rejeitando os dentes. Os ossos da região antero-inferior do mento, apresentam-se espessos, com a parte anterior alargada e arredondada. Os ramos ascendentes, são largos e baixos; faltam as apófises condilóides; das coronóides resta a direita, que é baixa.

MEDIDAS CRANIANAS

Na medição do crânios seguimos os seguintes critérios.

1. *A orientação do crânio*, para qualquer medida ou fotografia, foi feita de acôrdo com a linha de Frankfurt, em que o ponto mais baixo da órbita (orbital) e o bordo superior do orifício auricular (pório), ficam em um mesmo plano horizontal.
2. Comprimento máximo do crânio: da glabela ao opistocrânio.
3. Largura máxima do crânio: de êurio a êurio.
4. Altura total do crânio: do básio ao bregma.

5. Altura parcial da face: do próstio ao násio.
6. Largura da face: de zígio a zígio.
7. Altura auricular: do pório ao ponto mais alto do crânio, colocado na linha de Frankfurt.
8. Curva horizontal: pela glabela e opisto-crânio.
9. Curva sagital: do násio ao opístio.
10. Altura total da face: do násio ao gnatio.
11. Largura da órbita: do maxilo-frontal ao ecto-cônquio.
12. Altura da órbita: linha perpendicular à precedente.

13. Índice craniano: $\frac{\text{largura} \times 100}{\text{comprimento}}$

14. Índice vertical $\frac{\text{altura do crânio} \times 100}{\text{comprimento}}$

15. Índice facial parcial $\frac{\text{altura parcial} \times 100}{\text{largura}}$

16. Índice facial total $\frac{\text{altura total} \times 100}{\text{largura}}$

17. Comprimento da mandíbula: do pogônio à base da linha vertical posterior do ramo ascendente.
18. Largura da mandíbula: de gônio a gônio.
19. Altura do ramo ascendente: do gônio ao ponto mais alto do côndilo.

As unidades de medida linear são expressas em milímetros e as unidades ponderais em gramas.

A medição da altura da face e índices derivados, são prejudicados pelo desgaste dos dentes.

CAIXA CRANIANA

Capacidade craniana

Crânio nº	4m	17m	12f	19m	5m	11m	16m	20f	1m	8f
	1455	1425	1400	1358	1350	1335	1325	1325	1320	1320
nº	6m	10f	14m	21f	15f	2f	3f	18f	13f	9f
	1305	1300	1300	1255	1225	1180	1180	1175	1150	1145
						Homens: 9 Mulheres: 11			Média: 1291,4	

Pêso do Crânio

Crânio nº	6m	17m	4m	14m	11m	5m	1m	12f	13f	19m	2f	9f
	770	694	691	667	650	591	585	580	580	553	525	498
nº	16m	3f	8f	18f	10f	20f	7mi					
	485	463	461	439	438	410	330					

Comprimento máximo

Crânio nº	6m	11m	17m	1m	13f	19m	5m	14m	2f	8f	12f	3f
	188	185	183	182	182	182	181	181	180	180	180	178
nº	10f	15f	4m	16m	21f	9f	20f	18f	7m inf			
	178	177	175	173	172	170	170	162	150			

Largura máxima

Crânio nº	4m	12f	1m	16m	5m	14m	11m	13f	20f	10f	15f	17m
	149	145	142	142	141	141	140	140	140	139	139	139
nº	19m	3f	9f	21f	6m	2f	7m inf	8f	18f			
	138	137	136	136	134	132	132	132	131			

Altura total

Crânio nº	5m	17m	4m	6m	12f	8f	11m	21f	14m	20f	9f	13f
	145	144	142	142	142	141	141	140	138	137	137	136
nº	18f	10f	15f	16m	3f	19m						
	135	132	132	132	130	120						

Altura auricular

Crânio nº		17m	4m	12f	13f	18f	10f	8f	19m	5m	11m	3f	1m
		136	128	128	126	125	120	120	120	115	118	117	116
	nº	9f	2f	14m	6m	7mi							
		114	113	113	106	106							

Curva horizontal

Crânio nº		1m	4m	12f	11m	6m	10f	5m	19m	17m	8f	14m	13f
		523	525	515	510	510	498	505	502	518	503	503	500
	nº	16m	3f	20f	2f	21f	9f	18f	7mi				
		500	491	501	498	510	478	472	469				

Curva sagital

Crânio nº		12f	5m	17m	10f	6m	4m	11m	21f	8f	15f	20f	14m
		393	384	380	376	374	372	372	371	369	368	367	366
	nº	13f	19m	3f	9f	16m	7mi	18f	2f				
		364	360	358	353	348	336	347	278				

índice craniano

Crânio nº	4m	20f	21f	16m	18f	12f	9f	15f	5m
	85,20	82,35	82,35	82,08	80,86	80,55	80,00	78,53	77,90
nº	14m	1m	3f	13f	19m	11m	17m	8f	2f
	77,90	77,59	76,96	76,92	75,82	75,67	75,13	74,44	73,33
nº	6m								
	71,27								
								Média:	78,15

índice vertical

Crânio nº	18f	4m	20f	21f	9f	5m	12f	8f	17m
	83,33	81,14	80,58	80,58	80,58	80,11	78,88	78,33	77,83
nº	16m	14m	6m	13f	15f	3f			
	76,30	76,24	75,53	74,72	74,57	73,03			
								Média:	78,11

FACE

Altura parcial da face

Crânio nº	6m	1m	13f	16m	5m	17m	4m	11m	10f	14m	18f	9f	19m	7m	2f
	82	80	80	80	78	73	72	72	72	72	72	70	69	59	57

Largura da face

Crânio nº	4m	1m	19m	17m	11m	14m	2f	5m	6m	8f	10f	16m	3f
	148	147	145	143	141	141	140	140	140	139	138	138	135
nº	12f	9f	18f	13f	7mi								
	135	133	132	130	119								

Altura total da face

Crânio nº	5m	6m	14m	17m	16m	19m	13f	18f	10f	9f	7mi	
	129	129	126	123	122	115	113	112	112	112	92	

índice facial parcial

Crânio nº	13f	6m	16m	11m	5m	18f	1m	9f	14m
	61,53	58,57	57,97	56,02	55,71	54,54	54,42	52,63	51,06
nº	17m	7mi	4m	19m	2f				
	51,04	49,57	48,64	47,58	40,71				
								Média: 55,71	

índice facial total

Crânio nº	1m	5m	6m	14m	16m	17m	18f	9f	8f
	93,19	92,14	92,14	89,36	88,40	86,01	84,84	84,21	83,19
								Média: 87,16	

ÓRBITAS

Altura

Crânio nº	6m	13f	11m	8f	3f	12f	2f	5m	10f	4m	14m	16m	17m	18f	7mi
	40	40	39	38	37	37	36	36	36	36	35	35	34	34	34
nº	19m	1m													
	32	30													

Largura

Crânio nº	17m	1m	14m	13f	11m	19m	3f	4m	6m	10f	16m	18f	8f	12f	7mi	2f
	45	44	43	42	42	41	40	40	40	40	40	40	39	39	37	36
nº	5m															
	36															

MANDÍBULA

Comprimento

Crânio nº	1m	4m	5m	6m	19m	17m	8f	12f	13f	10f	2f	21f	16m	3f	14m
	99	99	97	97	96	96	95	93	92	91	91	89	89	87	87
nº	20f	18f	9f	7mi											
	87	85	85	73											

Largura

Crânio nº	6m	19m	4m	1m	5m	16m	12f	21f	8f	9f	14m	10f	2f
	118	108	105	105	103	102	100	100	98	97,5	97	96	93
nº	7mi	3f	13f										
	91	89	83										

Altura do ramo ascendente

Crânio nº	1m	14m	4m	6m	17m	9f	16m	8f	20f	12f	18f	13f	5m	19m	3f
	79	78	78	77	76	75	74	72	70	69	68	67	65	65	64
nº	2f	7mi	10f												
	60	53	52												

Largura máxima do ramo ascendente

Crânio nº	13f	20f	8f	5m	1m	3f	19m	12f	2f	4m	10f	17m	14m	16m	18f
	51	50	50	49	49	48	48	47	47	46	46	46	44	44	43
nº	7mi	6m	9f												
	43	43	41												

Largura mínima do ramo ascendente

Crânio nº	19m	17m	5m	4m	13f	16m	12f	10f	6m	14m	21f	20f	1m	18f	9f
	42	41	41	40	40	40	39	39	39	38	38	37	37	35	35
nº	7mi	2f	3f	8f											
	35	34	34	35											

Pêso da mandíbula

Crânio nº	1m	4m	19m	14m	5m	6m	17m	9f	18f	13f	16m	10f	7mi	12f	2f
	123	112	109	91	90	90	84	76	75	71	68	58	57	54	52
nº	8f	3f													
	48	44													

A capacidade craniana medida em 9 homens e 11 mulheres nos apresenta os seguintes resultados concretos: Classificação segundo Flover e Turner.

MICROCÉFALOS (Com capacidade craniana inferior a 1350 cm3) 75%

5 crânios masculinos e
10 crânios femininos.

MESOCÉFALOS (Com capacidade craniana de 1350 — 1450 cm3) 20%

3 crânios masculinos e
1 crânio feminino.

MACROCÉFALOS (Com capacidade de 1450 mais ou menos) 5%

1 crânio masculino.

A média um tanto baixa das capacidades cranianas, em parte é decorrente do número predominante de indivíduos femininos, que, via de regra, apresentam capacidade média 150 cm3, mais baixa que os homens.

Pelos índices cranianos se nos apresentam

DOLICOCÉFALOS (índice craniano 70 — 74,99) 15,78%

1 crânio masculino e
2 crânios femininos.

SUBDOLICOCÉFALOS (índice craniano 75 — 77,76) 31,57%

4 crânios masculinos e
2 crânios femininos.

MESATICÉFALOS (índice craniano 77,77 a 79,99) 15,78%

2 crânios masculinos e
1 crânio feminino.

SUBRAQUICÉFALOS (índice craniano 80 — 83,32) 31,57%

1 crânio masculino e
5 crânios femininos.

BRAQUICÉFALOS (índice craniano de 83,33 — 84,99) 0%

Nenhum.

HIPERBRAQUICÉFALOS (índice craniano de 85 — 89,99) 5,26%

1 crânio masculino.

Os índices verticais nos fornecem os seguintes aspectos:

ORTOCRANOS (índice vertical entre 70 e 74,9) 20%

MESOPROSOPOS — (índice facial total entre 85 — 89,9) 33,33%

3 crânios masculinos.

Nenhum.

ORTOCRANOS (índice vertical entre 70 e 74,9) 20%

3 crânios femininos.

HIPSICRANOS (índice vertical acima de 74,9) 80%

6 crânios masculinos e
6 crânios femininos.

Os índices faciais são grandemente prejudicados pelo desgaste dos dentes e recúo dos maxilares, que reduzem, em muitos casos, sensivelmente, a altura da face. Além disto escasso número de crânios está em condições de permitir a medição da altura e largura da face.

O índice facial total determinado em 9 indivíduos deu o seguinte resultado:

EURIPRÓSOPOS (índice facial total entre 80 — 84,9) 33,33%

1 crânio masc., 2 crânios fem.

MESOPRÓSOPOS (índice facial total entre 85 — 89,9) 33,33%

3 crâncos masculinos.

LEPTOPRÓSOPOS (índice facial total entre 90 — 94,9) 33,33%

3 crânios masculinos.

Índice facial parcial segundo Kollmann, medido em 14 indivíduos dá como resultado:

HIPEREURIENOS (índice facial parcial inferior a 44,9) 7,14%

1 crânio feminino.

EURIENOS (índice facial parcial 45 — 49,9) 21,42%

3 crânios masculinos.

MESENOS (índice facial parcial de 50 — 54,9) 35,71%

3 crânios masculinos e
2 crânios femininos.

LEPTENOS (índice facial parcial 55 — 59) 28,57%

4 crânios masculinos.

HIPERLEPTENOS (índice facial parcial 60 ou mais) 7,14%

1 crânio feminino.

B. *AMULETOS, COLARES E OUTROS UTENSILIOS DE ORIGEM ORGÂNICA*

1. *Amuleto de pedra,* encontrado junto do esqueleto da criança de crânio nº 7. Consta de uma pedrinha lisa de quatzito branco, de forma triangular, de ângulos arredondados, imitando com bastante perfeição a cabeça de um peixinho. O comprimento máximo é de 21 mm.; a largura máxima de 15 mm. e a espessura máxima de 9 mm. num dos ângulos, diminuindo em espessura até, apenas, 3,5 mm. No ângulo de menos espessura, apresenta um furo de 4 mm. de diâmetro, formado por dois troncos de cone, opostos pelo vértice. O artífice, evidentemente, furou, primeiramente de um e depois do outro lado, até encontrar o furo do lado oposto. A borda do ângulo, que fica vizinho ao furo, apresenta uma coloração ferruginosa, provocada por aquecimento da jóia. Pêso: 1,55 g.

2. *Amuleto de concha,* encontrado junto do esquelto do crânio nº 1. Consta de um fragmento de concha, sem brilho, e em tal estado de decomposição, que deixa nas mãos um risco branco de giz. As bordas são lisas, arredondadas e a forma oblonga. O comprimento é de 34 mm.; a largura máxima de 14 mm. e a espessura máxima de 8 mm.

Como o amuleto de pedra, apresenta, a um terço do eixo maior, um furo cônico, formado por dois orifícios cônicos, opostos pelo vértice e praticados de um e de outro lado, até se encontrarem. Pêso: 4,95 g.

3. *Amuleto de dente de cação,* de forma triangular, superfície brilhante e duas bordas serrilhadas, não artificialmente. A borda de fixação forma uma linha quebrada e apresenta três facetas alisadas. Nas duas facetas opostas foram praticados dois furos normais de 3,5 mm. de diâmetro e distanciados entre si de 7 mm.

Pêso: 4,1 g.; comprimento: 42 mm.; largura: 29 mm.; espessura máxima: 6 mm.

4. *Amuleto de dente de cação,* encontrado junto do esqueleto (úmero) de uma criança. A forma é triangular, a superfície brilhante, duas bordas são serrilhadas, não artificialmente. A borda de fixação, forma uma linha curva e apresenta duas facetas opostas alisadas. Nestas facetas foram praticados dois furos normais, destinados à suspensão da peça, tendo aproximadamente 3 mm. de diâmetro e distanciados entre si de 6 mm.

Comprimento: 28 mm.; largura: 24 mm.; espessura máxima: 4 mm.

5. *Amuleto de dente de jaguar* (*Felis onza*), constando da prêsa, i.é, do dente canino do jaguar de raiz ôca, apresentando a ponta da raiz alisada. A meio cm. da ponta da raiz, de ambos os lados do dente, foi praticado um furo de 5 mm. de diâmetro externo, estreitando-se para o interior, até encontrar o canal longitudinal do dente, regulando o diâmetro interno do furo, ainda, em 3 mm. junto do canal. A abertura do canal longitudinal, é irregular de 5 mm. de diâmetro máximo, por 4 mm. de diâmetro mínimo.

Comprimento: 73 mm.; largura: 20 mm.; espessura máxima: 12 mm.; pêso: 15,15 g.

6. *Amuleto de concha*, constando de um fragmento de concha de brilho nacarado, mas já em tal estado de decomposição, que deixa nas mãos abudante risco branco de giz. Na borda semi-circular, apresenta dois furos de diâmetro irregular, distanciados entre si de 15 mm.

Comprimento: 50 mm.; largura máxima: 25 mm.; pêso: 3,3 g.

7. *Amuleto de concha*, constando de concha de brilho nacarado, em estado de franca decomposição, deixando risco branco de giz nas mãos. Tem forma oval-concoidal, apresentando na periferia, três falhas, provocadas por lascamento casual. Próximo à parte mais espessa da valva, apresenta 3 furos de diâmetro quase regular de, aproximadamente, 6 mm. e um quarto orifício, um pouco maior, de diâmetro irregular, quase no centro da concha.

Comprimento: 110 mm.; largura máxima: 70 mm.; espessura máxima: 3 mm.; pêso: 20,6 g.

8. *Colar de conchas*, encontrado junto do esqueleto do crânio nº 11. Consta de sete conchas de forma quase cônica (caramujos) tôdas da mesma família Conus spurius (Gmelin) e furadas na ponta do caracol. A peça maior do colar tem 40 mm. de comprimento por 23 mm. de diâmetro máximo, enquanto a peça menor possui apenas 24 mm. de comprimento por 13 mm. de diâmetro máximo. Não encontramos exemplar algum desta espécie de caracol, a não ser fazendo parte de colares. É óbvio que não houvesse elo de ligação entre as diversas peças do colar; porque o barbante (embira) que ligava os caramujos em colar não podia resistir à ação destruidora dos séculos.

9. *Colar de conchas*, encontrado junto do esqueleto, de uma criança, muito esmagado e decomposto. Consta de 41 caramujinhos de forma ovóide, todos da mesma família e todos furados no vértice. O comprimento das conchinhas oscila entre 8 a 10 mm. e o diâmetro de 4 a 5 mm.

10. *Colar de conchas*, encontrado junto do esqueleto, muito esmagado, de uma criança. Consta de 230 caramujinhos de forma ovóide da mesma família como os caramujos do colar descrito sob o número 9. Neste colar havia ainda um caramujo de forma cônica da mesma família, como aquêles, descritos no colar nº 7, bem como um fragmento de concha com dois furos da mesma família, como os amuletos descritos sob os números 5 e 6 e mais 5 discos de conchas furados no meio. O diâmetro dos discos é de, aproximadamente, 15 mm. e o diâmetro do furo de 25 mm. A valva de concha e os discos de concha estão em estado de franca decomposição, deixando abundante risco de giz nas mãos. Havia no colar número maior de discos de concha, mas em estado tão adiantado de decomposição, que se esfarelavam ao contato da mão.

Os discos quando limpos apresentam um brilho nacarado.

11. *Colar de conchas e de dentes de cação*, encontrado e fotografado junto do esqueleto bastante conservado de uma criança, retirado em 27/11/58. Consta de 3 valvas de conchas grandes, que apresentavam, cada qual, dois furos e grande número de rodelas de conchas, semelhantes às descritas no número anterior. Uma das conchas grandes foi esmagada pelos assistentes curiosos e as outras duas fraturaram-se muito ao serem retiradas e no transporte. Tanto as rodelas como as conchas grandes estavam em adiantado estado de decomposição. Devido a isso, certo número de rodelas do colar, se perderam. Conseguimos salvar assim mesmo 25 rodelas, mais ou menos perfeitas e outras tantas fragmentadas. Faziam parte dêste colar, ainda, nove dentes de cação todos êles com dois furos destinados à suspensão. Todos êsses dentes são mais estreitos, do que aquêles descritos nos amuletos nº 3 e 4 e, apenas, 3 dêstes dentes possuem os dois furos conservados; dois dentes possuem, cada qual, um furo conservado e vestígios do segundo furo, nos outros 4 dentes existem apenas, vestígios dos furos de suspensão, tendo desaparecido parte da raiz do dente com o furo, devido à decomposição.

12. *Ponta de flecha feita de osso*, constando de lâmina e pé de encaixe.

a) A lâmina tem 30 mm. de comprimento, por 14 mm. de largura máxima nas farpas. A face inferior é lisa, levemente convexa. A face superior é chanfrada simètricamente, apresentando uma aresta no meio, pelo que resulta uma secção, pràticamente, triangular para a lâmina. As farpas são assimétricas, sendo uma em ângulo reto e a outra em ângulo muito obtuso de 155 graus, dando a impressão de ter sido limada posteriormente. O ápice da lâmina é levemente arredondado.

b) O pé de encaixe, tem 25 mm. de comprimento, por 10 mm. de largura máxima, estreitando um pouco a parte terminal.

As duas faces são alisadas e, levemente, convexas.

Comprimento total: 55 mm.; largura máxima: 14 mm.; pêso: 3,1 g.

Material: osso de mamífero, talvez osso humano.

13. *Ponta de flecha ou furador de osso*, partido longitudinalmente.

É um instrumento de 90 mm. de comprimento por 15 mm. de largura máxima e 5 mm. de espessura, apontado finamente e alisado numa extremidade, apresentando a extremidade oposta à ponta um furo quase circular de 3,5 mm. de diâmetro, destinado à suspensão do objeto. O apontamento é acabado com suavidade, começando o alisamento já a 60 mm. da ponta, que é quase cônica. A face externa não apresenta sinal de alisamento. A face interna é alisada, apenas, na ponta, enquanto os dois lados são alisados e arredondados para a face interna, formando, apenas, com a face externa uma aresta suave. Pêso: 8,4 g; material: osso de mamífero; a nosso ver, a parte posterior, de tíbia humana.

14. *Ponta de flecha*: feito de osso longo de alguma ave, partido longitudinalmente e apontado em ambas as extremidades à guisa de pena de aço. Todas as arestas foram alisadas. A espessura do osso não ultrapassa um milímetro. Comprimento 70 mm. largura máxima: 6 mm., pêso 0,9 g, material: ósseo.

15. *Ponta de flecha* similar à precedente, feita de osso longo de pássaro, partido ao meio e apontado em ambas as extremidades, à guisa de pena de escrever. A face externa apresenta de um lado vestígios nítidos de alisamento por fricção. Uma das pontas está danificada. Comprimento: 64 mm.; largura máxima: 7 mm.; pêso: 0,95 g; material: osso de ave.

16. *Osso humano*, i. é, tíbia da perna direita, cortada transversalmente. O corte foi levado a efeito, por objeto cortante, ao redor de todo o osso, terminando-se a operação por fratura. A parte traseira do osso, acima do corte, apresenta vestígios nítidos de alisamento, numa superfície de 90 mm. de comprimento. O osso estava fincado na terra com a extremidade cortada, para baixo, ao lado de um esqueleto adulto em que faltavam o tronco e os membros superiores, ocupando o esqueleto de uma criança o lugar do osso do tronco do adulto. As tíbias dêsse esqueleto estavam intatas. Fotografado junto com o esqueleto de criança. Comprimento 170 mm.; diâmetro maior: 35 mm.; diâmetro menor: 20 mm.; pêso: 74,9 g.

17. *Fragmento, i. é, parte inferior de chifre de cervo galheiro* (Dorcelaphus dichotomus). Esta espécie de cervo, atualmente já não existe na zona praieira do Estado de Santa Catarina, nem no interior. Comprimento: 110 mm.; diâmetro maior: 40 mm.; diâmetro menor: 20 mm.; diâmetro da corôa inferior: 50 mm.; pêso: 84,5 g.

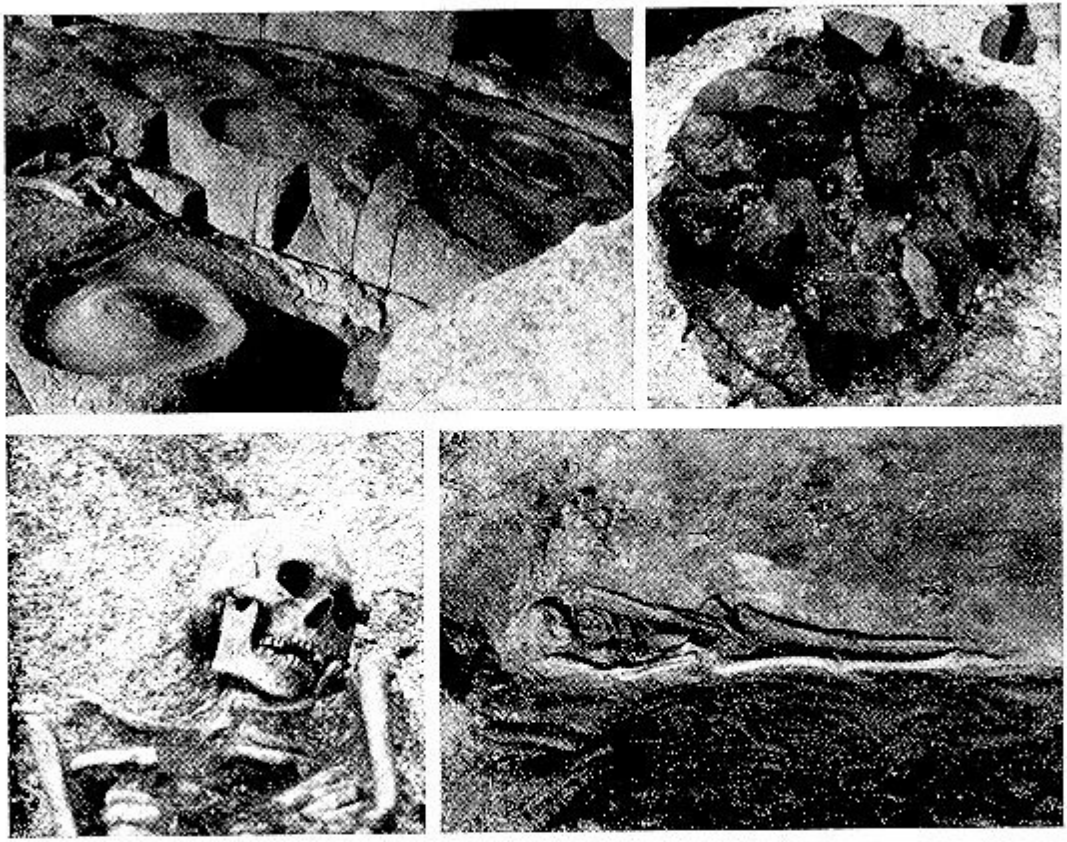

Fig. 3. "Moinhos" ou superficies de alisamento. Fig. 4. Um dos fogões desenterrados. Fig. 5. Pormenor da posição de um esqueleto. Fig. 6. A posição do esqueleto na sepultura.

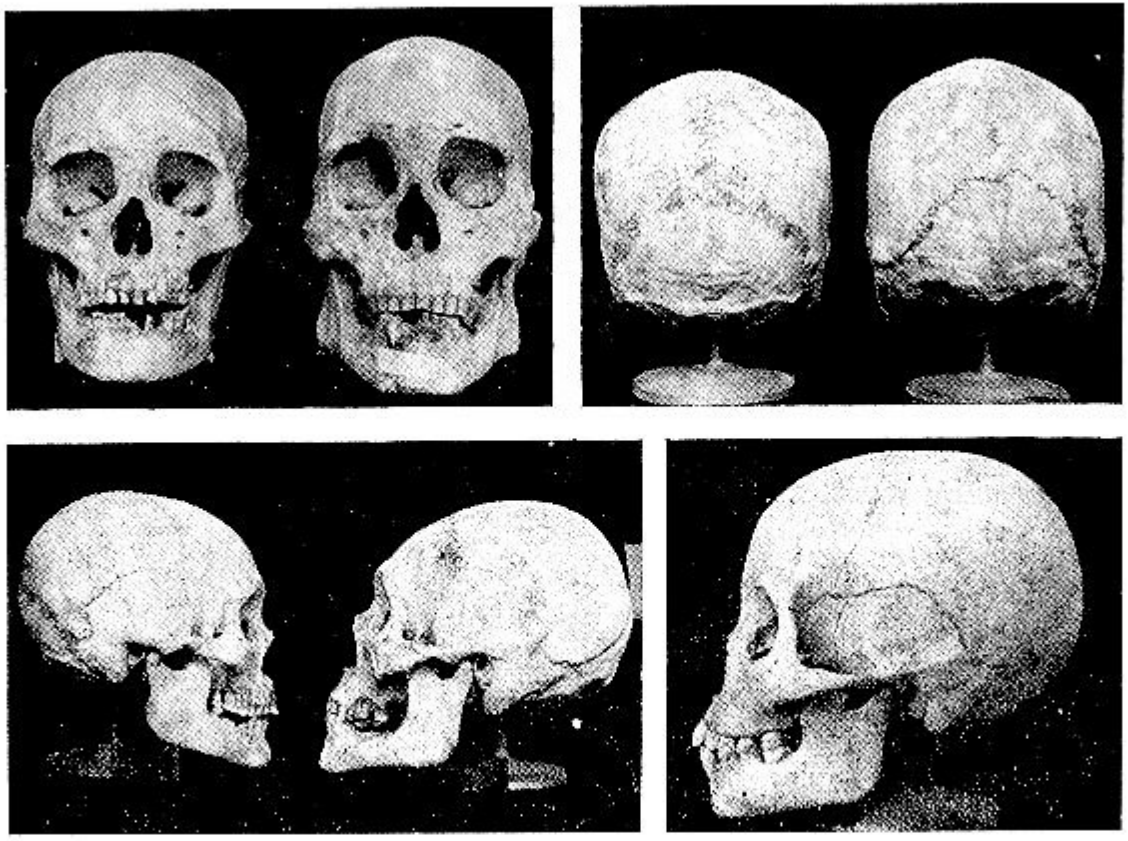

Fig. 7. Crâneo feminino (nr. 6) e masculino (nr. 10) em norma frontal; Fig. 8. Os mesmos em norma occipital; Fig. 9. Em norma lateral. Fig. 10. Crâneo infantil (nr. 7).

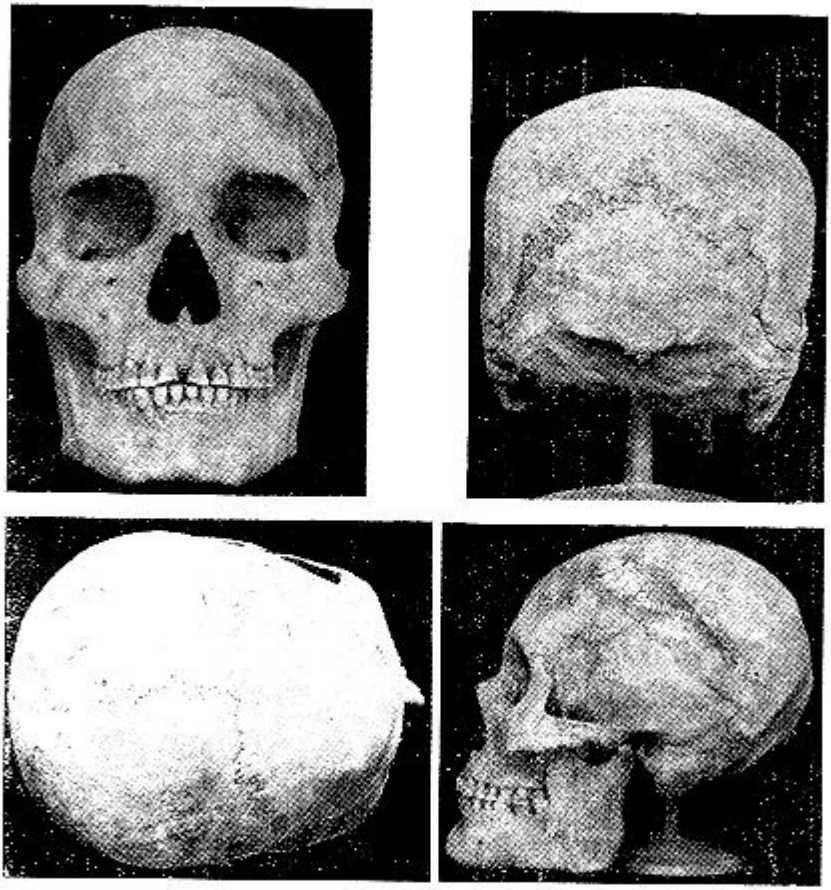

Fig. 11-14. Crâneo masculino (nr. 14), nas diversas normas.

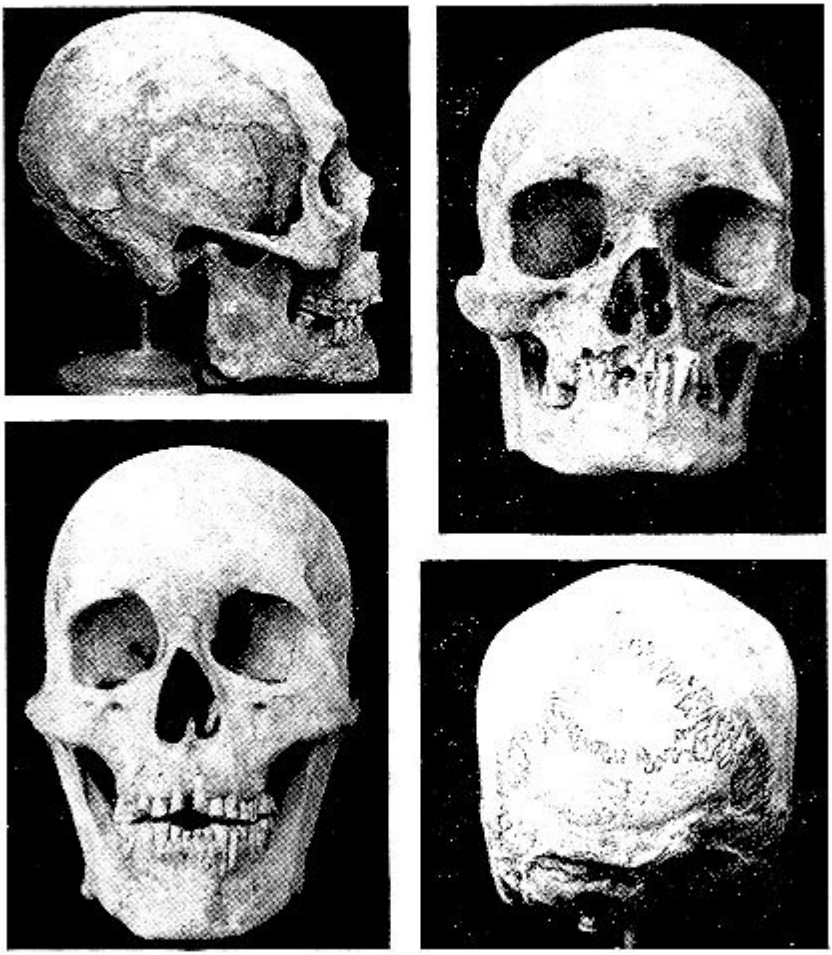

Fig. 15. Cráneo nr. 16; Fig. 16. Cráneo nr. 2; Fig. 17. Cráneo nr. 13; Fig. 18. nr. 16.

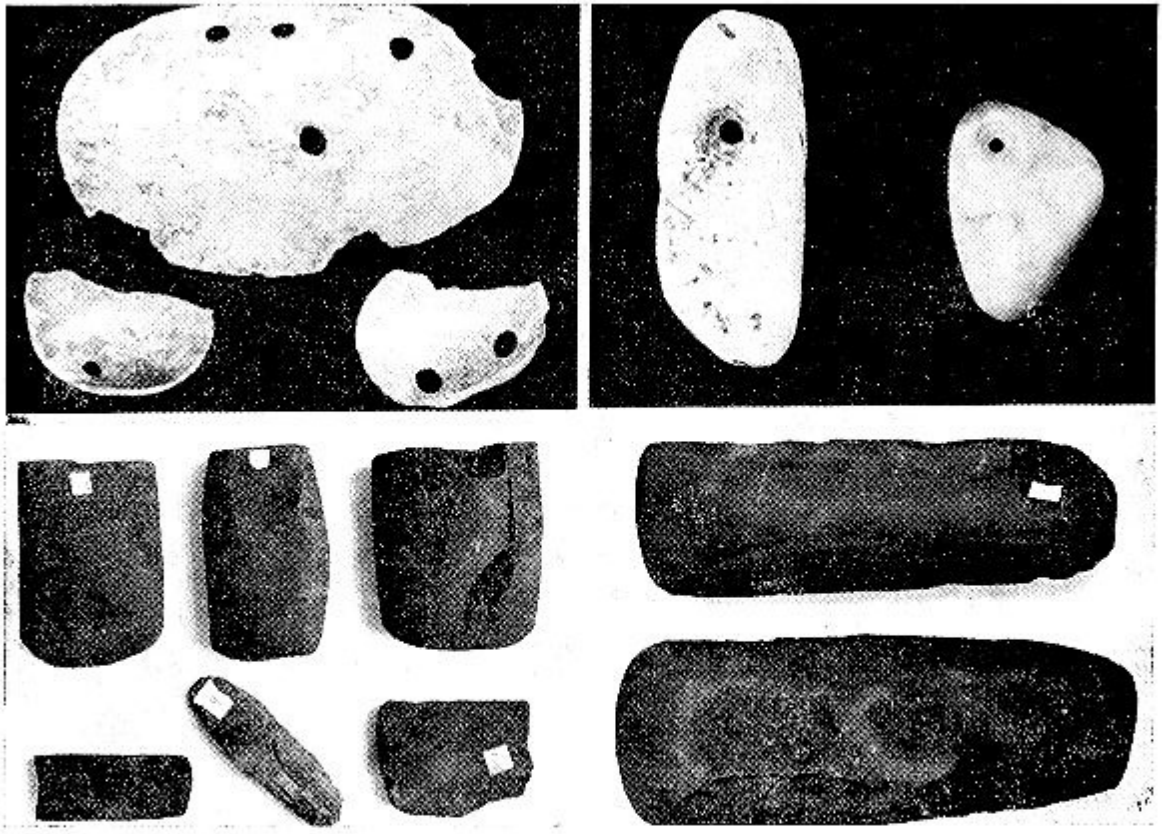

Fig. 19. Conchas perfuradas. Fig. 20. "Amuletos" de pedra. Fig. 21. Machados e material de pedra. Fig. 22. Machados típicos.

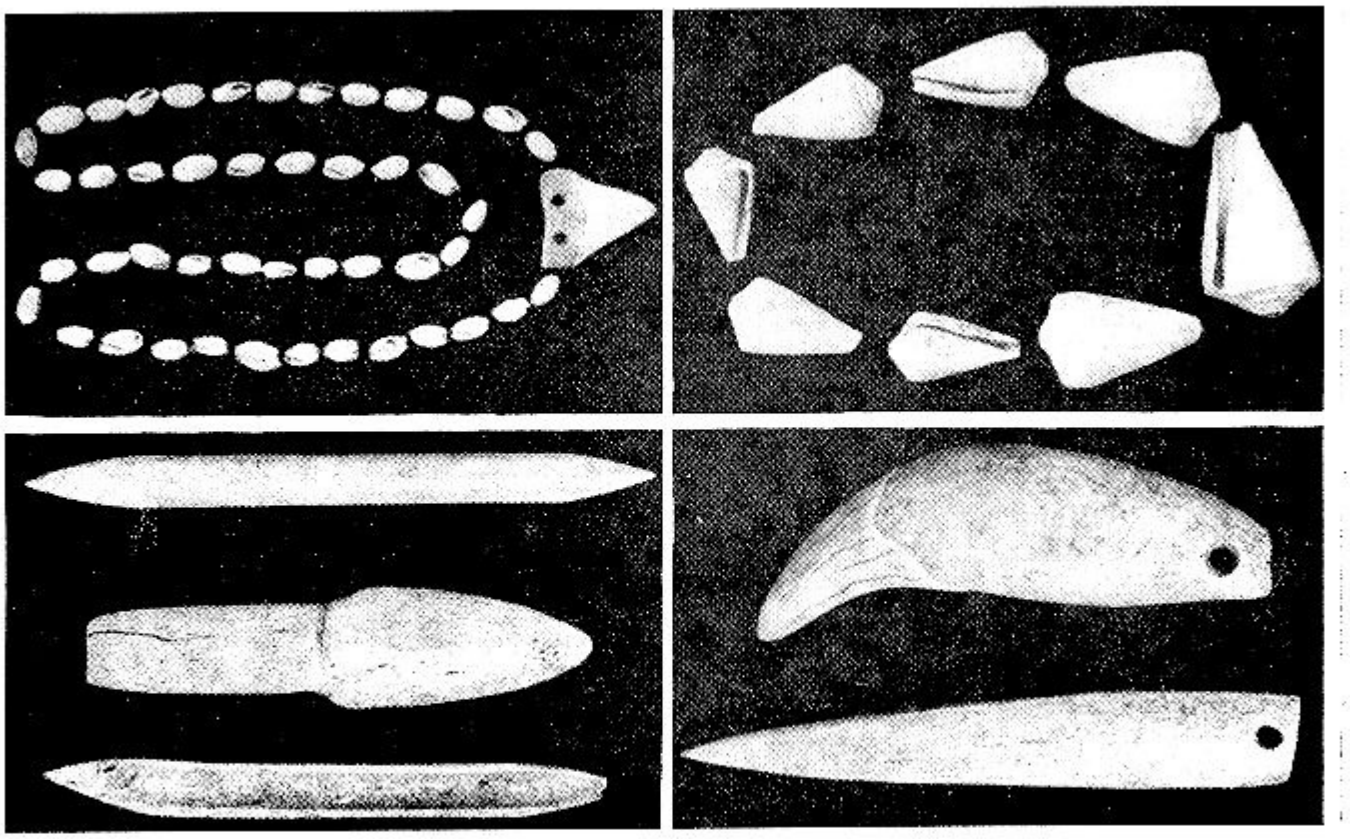

Fig. 23-26. Material de ôsso, dentes e conchas

18. *Raspador e furador*, feito do dente incisivo (presa) do maxilar inferior de porco do mato "queixada". É um dente curvo, cuja face externa forma a secção de uma circunferência de 40 mm. de raio, tendo o arco 55 mm. de comprimento. Consta de raiz e corôa.

A raiz ôca, possui 30 mm. de comprimento e 14 mm. de largura máxima, por 10 mm. de espessura. A corôa do dente foi desgastada, na face interna, por alisamento, até formar um perfeito bico de pássaro, com as duas arestas laterais muito acentuadas e cortantes.

Foram encontrados ao todo 4 dentes similares.

C. *MATERIAL LITICO*

a) TEMBETÁS

Foram encontrados 15 artefatos similares de pedra polida, que na forma lembram pequenas canoas não escavadas, tendo uma face plana e a outra arredondada e abaulada à guisa de fundo de barquinha. 5 peças estão fragmentadas e 10 são inteiras.

1. *Tembetá de pedra* em forma de barquinha de 68 mm. de comprimento e 13 mm. de largura máxima por 8 mm. de espessura máxima na região central. A superfície externa abaulada, apresenta um polimento quase perfeito, tendo as extremidades achatadas, ainda, 4 mm. de largura por 1,5 mm. de espessura. A superfície interna, de polimento menos perfeito, é quase plana, levemente convexa. Material: basalto preto; pêso: 11,35 g.

2. *Tembetá de pedra*, em forma de barquinha, de 60 mm. de comprimento, por 14 mm. de largura máxima e 11 mm. de espessura máxima na parte central. A superfície externa, abaulada, apresenta alisamento um tanto irregular, mas sem vestígios de lascamento inicial. A face interna é levemente abaulada. Uma das pontas achatadas, é levemente prejudicada, por lascamento acidental, possuindo a outra, intata, 5 mm. de largura e 2 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 8,45 g.

3. *Tembetá de pedra*, em forma de canôa, de 65 mm. de comprimento e 13 mm., de largura máxima por 10 mm. de espessura máxima na parte central. A superfície externa de alisamento irregular, apresenta diversas facetas secundárias, irregulares, não restando vestígio de lascamento inicial. A face interna, levemente abaulada e alisada, apresenta na parte central, numa extensão de 20 mm. de comprimento, restos de lascamento inicial de 2 mm. de profundidade. Uma das pontas achatadas, possui 4

mm. de largura por 2 mm. de espessura; a outra mais estreita, possui, apenas, 3 mm. de largura por 2 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 10,55g.

4. *Tembetá de pedra*, não acabado, em forma de barca de 54 mm. de comprimento e 20 mm. de largura e 16 mm. de espessura máxima na parte central. Não aparece vestígio de alisamento em parte alguma da superfície externa ou interna. Tôda a superfície parece trabalhada a martelo. A face externa é fortemente abaulada e a interna é levemente abaulada, quase plana. Uma ponta é obtusamente arredondada, a outra achatada e lascada.

Material: basalto preto; pêso: 22,75g.

5. *Tembetá de pedra*, em forma de canôa, de 55 mm. de comprimento e 30 mm. de largura máxima na parte central por 6 mm. de espessura máxima. A face externa, irregularmente abaulada, é alisada, sem vestígio de lascamento ou martelamento inicial. A face interna é alisada e, pràticamente, plana. As pontas achatadas, possuem 4 mm. de largura por 2 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 4,4g.

6. *Tembetá de pedra* em forma de canôa de 44 mm. de comprimento e 10 mm. de largura máxima por 9 mm. de espessura máxima na região central. A face externa e abaulada é perfeitamente alisada e polida. A face interna, quase plana, também alisada e polida. Uma ponta é prejudicada por um pequeno lascamento; a outra intata, apresenta a largura de 3 mm. por 2 mm. de espessura. As pontas são menos achatadas do que nas peças anteriores.

Material: basalto menos escuro. Pêso: 6,1 g.

7. *Tembetá de pedra*, em forma de canôa, de 43 mm. de comprimento e 13 mm. de largura máxima, por 10 mm. de espessura máxima, na parte central. A face externa abaulada, é alisada, sem vestígios de lascamento. A face interna, quase plana, levemente abaulada, é alisada. As duas pontas foram prejudicadas tendo uma 5 mm. de largura por 2 mm. de espessura e a outra mais prejudicada 6 mm. de largura por 5 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 6,7 g.

8. *Tembetá de pedra* em forma de barquinha, de 43 mm. de comprimento e 14 mm. de largura máxima por 13 mm. de espessura máxima na parte central. A face externa abaulada e arqueada é alisada, sem vestígio de lascamento, áspera, porém, ao tato. A sua periferia forma um arco, quase perfeito de 40 mm. de raio. A face interna, levemente convexa numa extremidade e côncava na outra, devido a um resto da superfície de lascamento inicial, de 2 mm. de profundidade, por 3 mm. de extensão. As pontas achatadas, possuem 4 mm. de largura por 1 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 9,65 g.

9. *Tembetá de pedra* em forma de barquinha, de 52 mm. de comprimento e 11 mm. de largura máxima na parte central por 7 mm. de espessura máxima. A face externa abaulada e alisada, apresenta, na região dorsal, uma extensa zona com restos de superfície de lascamento inicial, apenas, parcialmente alisada. A face interna, levemente abaulada, é alisada, mas sofreu um lascamento acidental profundo e recente, ao ser retirada a peça, causado pela pá do escavador. Êste lascamento estende-se, em parte, também, sôbre a face externa lateralmente. As pontas são achatadas, tendo uma, levemente danificada, 4 mm. de largura por 3 mm. de espessura e a outra intata, 4 mm. de largura por 2 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 6 g.

10. *Fragmento (2/3) de utensílio de pedra,* que inicialmente possuia forma de barquinha, de 32 mm. de comprimento e 14 mm. de largura máxima na parte central por 10 mm. de espessura máxima. Falta, aproximadamente um terço da peça. A face externa, abaulada, é alisada, áspera ao tato, sem vestígios de lascamento. A face interna, levemente convexa, também é alisada. A ponta intata, tem 5 mm. de largura, por 3,5 mm. de espessura. A ponta quebrada, possui 11 mm. de largura, por 8 mm. de espessura.

Material: basalto preto; pêso: 10,35 g.

Foram encontrados outros 4 fragmentos de Tembetá similares aos descritos acima.

b) OUTRO MATERIAL LíTICO COM SINAIS EVIDENTES DE USO

1. *Amolador de instrumentos.* Consta de um pedaço irregular de basalto de aproximadamente 130 mm. de comprimento e outro tanto de largura por 100 mm. de espessura máxima, que apresenta um sulco alisado de 75 mm. de comprimento e 40 mm. de largura por 50 mm. de profundidade. O sulco tem a forma de bôjo de canôa cortado transversalmente. Uma das arestas da peça foi lascada profundamente. Pêso: 1,5 Kg.

2. *Alisador de cerâmica.* Uma lâmina de basalto de 130 mm. de comprimento e 30 mm. de largura por 10 mm. de espessura, de secção losangular, que apresenta tôdas as arestas alisadas. Pêso: 75 g.

Foram encontrados mais 5 artefatos similares.

3. *Abridor de conchas.* É um pequeno utensílio de basalto, que lembra um machado em miniatura, que tivesse um corte

em cada extremidade, de 62 mm. de comprimento e 19 mm. de largura máxima, por 8 mm. de espessura. Uma face é quase plana, alisada numa extremidade, a outra é convexa, parcialmente alisada, particularmente em ambas as extremidades. Ambas as faces apresentam superfície de lascamento lateral. Pêso: 13 g.

Foi encontrado um segundo instrumento similar.

4. *Martelo* de forma roliça, quase cilíndrica de 103 mm. de comprimento e 59 mm. de largura máxima, por 59 mm. de espessura máxima. A superfície é tôda alisada e roliça. As duas cabeças muito gastas e parcialmente lascadas pelo uso como pilão ou martelo.

Material: basalto preto; pêso: 533 g.

5. *Martelo* semelhante ao precedente, apenas, muito mais curto em forma de cilindro achatado de 74 mm. de comprimento e 51 mm. de largura máxima por 33 mm. de espessura máxima. A superfície é menos alisada, apresentando ambas as faces achatadas pequenas cavidades no centro, provocadas pelo uso como quebra-nozes. As extremidades, também, são muito gastas pelo uso como martelo ou pilão.

Material: basalto de côr amarelada, devido à decomposição superficial.

Pêso: 190 g. Foram encontradas na jazida 15 peças de função idêntica, mas de formas variadas.

6. *Quebra-coquinhos* ou quebra-nozes em forma de esfera, achatada nos polos, de 54 mm. de diâmetro máximo e 39 mm. de diâmetro mínimo polar. Ambas as superfícies achatadas, apresentam uma concavidade irregular, provocada pelo uso. A superfície lateral arredondada apresenta também pequenos lascamentos, que, parecem, provocados pelo uso como martelo.

Material: basalto amarelo escuro devido à decomposição superficial. Pêso: 175 g.

7. *Quebra-nozes* quase triangular de basalto amarelo escuro, devido à decomposição superficial, de 122 mm. de comprimento e 74 mm. de largura máxima, por 29 mm. de espessura máxima. Uma das faces apresenta no centro uma cavidade, provocada pelo uso como quebra-nozes.

Pêso: 405 g.

8. *Quebra-nozes*. Utensílio quadrilátero de basalto amarelo escuro devido à decomposição superficial. Um lado fino é arredondado; o lado oposto é arredondado e lascado em um degrau; os outros dois lados são lascados, um quase plano o outro côncavo. No centro de uma das faces existe uma cavidade proveniente do uso como quebra-nozes.

Pêso: 168 g.

Foram encontrados, na jazida, 11 exemplares de quebra-nozes semelhantes, aos descritos acima.

c) MACHADOS DE PEDRA

1. Machado de 195 mm. de comprimento e 70 mm. de largura máxima, quase no meio, estreitando em direção da cabeça, onde possui, 45 mm. de largura, espessura máxima de 30 mm. no meio. O corte é perfeitamente alisado, sendo um pouco danificado pelo uso. As faces, lateralmente, apresentam tôdas as superfícies de lascamento inicial grosseiro. Na parte central tem côr ferruginosa da pedra original não alisada, mas em decomposição superficial. Notam-se, apenas, leves vestígios de alisamento nas faces. Material: basalto preto; pêso: 640 g.

2. Machado de 180 mm. de comprimento e 68 mm. de largura máxima, estreitando um pouco em direção da cabeça, onde possui, ainda, 58 mm. de largura, espessura máxima de 28 mm. O corte é perfeitamente alisado, muito pouco danificado pelo uso. Ambas as faces, lateralmente, apresentam tôdas as superfícies de lascamento inicial grosseiro. Uma das arestas laterais foi alisada. Uma das faces apresenta um polimento longitudinal, praticado com o fim de desgastar uma aresta natural, muito saliente, que se estendia pelo meio da face.

Material: basalto preto; pêso: 460 g.

3. Machado achatado de 133 mm. de comprimento e 80 mm. de largura máxima, estreitando muito pouco em direção da cabeça, onde possui, 75 mm. de largura. Espessura máxima 30 mm. O corte, de um lado, está perfeitamente alisado e polido; do outro lado apresenta, apenas fracos vestígios de alisamento nos cantos, sendo a parte média, profundamente lascada. As faces, de um lado, sofreram lascamento lateral, com vestígios de alisamento da aresta resultante; do outro lado ficaram intatas, resultando um plano lateral, não lascado, nem polido, de côr cinza-escura da pedra original, em decomposição superficial, que se estende sôbre ambas as faces.

Material: basalto escuro; pêso: 565 g.

4. Machado de 115 mm. de comprimento e 75 mm. de largura máxima, estreitando um pouco em direção da cabeça, que possui 70 mm. de largura. Espessura máxima 37 mm. O corte é perfeitamente alisado, um pouco danificado pelo uso. As faces sofreram um alisamento superficial, que deixou abundantes traços do lascamento inicial. Uma face é convexa, a outra quase plana. Material: basalto preto; pêso: 585 g.

5. Machado achatado, de 143 mm. de comprimento e 66 mm. de largura máxima, estreitando muito em direção da cabeça, que possui, apenas, 40 mm. de largura. Espessura máxima 20 mm. O alisamento do corte não é perfeito, apresentando em ambos os lados traços do lascamento inicial. Uma face e um lado, apresentam vestígios de alisamento; o resto das faces, apresenta a

côr amarelo escura da pedra original, em decomposição superficial. O lascamento lateral é insignificante.

Material: basalto escuro; pêso: 230 g.

6. Machado de 126 mm. de comprimento e 51 mm. de largura máxima, estreitando em direção da cabeça, onde possui, ainda, 43 mm. de largura. Espessura máxima 28 mm. O corte é perfeitamente alisado, apresentando, apenas, em um canto, um resto de lascamento inicial. As faces são convexas e polidas, restando poucos traços do lascamento inicial lateral. A cabeça termina em um plano oblíquo, sem lascamento, nem polimento, da côr amarelo-escura da pedra original, em decomposição superficial. E' o machado mais bem polido de tôda a coleção.

Material: basalto escuro; pêso: 295 g.

7. Machado de 120 mm. de comprimento e 61 mm. de largura máxima, estreitando em direção da cabeça, onde possui, ainda 40 mm. de largura. Espessura máxima 24 mm. O corte foi quase totalmente arruinado por um lascamento profundo numa das faces. Ambas as faces apresentam numerosas superfícies de lascamento, com início de alisamento superficial.

Material: basalto escuro; pêso: 265 g.

8. Machado de 123 mm. de comprimento e 90 mm. de largura, estreitando muito pouco em direção da cabeça, onde tem, ainda, 80 mm. de largura. Espessura máxima 30 mm. O corte é perfeitamente alisado e muito pouco danificado pelo uso. Numa das faces, o alisamento, partindo do corte, estende-se ao meio da face, com apenas uma falha, devida ao lascamento mais profundo. A outra metade desta face apresenta três superfícies de lascamento profundo, que partem da cabeça. A outra face é alisada lateralmente, apresentando, de um lado, uma superfície de lascamento profundo e do outro lado, vestígios do lascamento inicial. Nesta face há uma superfície de lascamento profundo, que parte do meio da cabeça e outras, menos profundas, partindo, também, da cabeça. O meio desta face, apresenta uma zona de côr amarelo-escura da pedra original em decomposição superficial, sem lascamento, nem alisamento.

Material: basalto escuro; pêso: 570 g.

9. Machado de 105 mm. de comprimento e 70 mm. de largura máxima, estreitando, muito pouco, em direção da cabeça, de 65 mm. de largura. Espessura máxima 35 mm. O corte está, quase completamente, arruinado por numerosas superfícies de lascamento, dando a impressão de tratar-se de um machado inacabado. As faces convexas e parcialmente alisadas, apresentam, também, grande número de superfícies de lascamento, particularmente de um lado. O outro lado forma um plano oblíquo irregular e polido.

Material: basalto escuro; pêso: 410 g.

10. Machado de 117 mm. de comprimento e 67 mm. de largura, quase uniforme, em todo o corpo. Espessura máxima 35 mm. O corte alisado foi bastante danificado pelo uso. Uma das faces é convexa e alisada parcialmente, apresentando superfícies de lascamento profundo. A outra face, quase plana, apresenta uma superfície de lascamento lateral de aproximadamente 5 mm. de profundidade. Os lados são formados por dois planos: um irregular e alisado, com uma pequena superfície de lascamento; o outro, formando duas superfícies irregulares e côncavas de lascamento. A cabeça apresenta uma superfície oblíqua de lascamento profundo, que se estende, lateralmente, até o meio da cabeça.

Material: basalto escuro; pêso: 460 g.

11. Machado de 105 mm. de comprimento e 52 mm. de largura máxima, estreitando um pouco em direção da cabeça de, ainda, 47 mm. de largura. Espessura máxima 29 mm. O corte é alisado, um pouco danificado pelo uso. Numa das extremidades apresenta uma superfície de lascamento. Uma das faces é levemente convexa, com numerosas superfícies de lascamento. A outra face é concava e apresenta pequenas superfícies de lascamento lateral. Os lados são formados por dois planos: um côncavo, sem vestígios de alisamento; o outro com uma superfície de lascamento. A cabeça, grossa e irregular, apresenta, em tôda a periferia, superfícies de lascamento. Tanto as faces, como os planos laterais apresentam, na maior parte da superfície a côr amarelo- escura da pedra original, em decomposição superficial.

Material: basalto preto; pêso: 350 g.

Foram encontradas na jazida mais 22 peças de função idênticas às acima descritas.

d) FRAGMENTOS DE MACHADOS

1. Fragmento de machado, constando do corte e metade (?) do corpo, de 77 mm. de comprimento e 52 mm. de largura em tôda a extensão. Espessura máxima 26 mm. O corte é perfeitamente alisado e arredondado, muito pouco danificado pelo uso. As faces convexas, parcialmente alisadas, apresentam vestígios de lascamento lateral. A superfície de fratura transversal é côncava.

Material: basalto preto; pêso: 185 g.

2. Fragmento de machado, constando do corte e parte (metade?) do corpo, de 74 mm. de comprimento e 77 mm. de largura máxima. Espessura máxima 24 mm. O corte é perfeitamente alisado e, parcialmente, danificado pelo uso. As faces não alisadas apresentam superfícies de lascamento lateral e formam planos, la-

teralmente inclinados, devido à menor espessura de um dos lados. A fratura transversal, concoidal, sofreu posteriormente desbastamento na periferia.

Material: basalto escuro; pêso: 230 g.

3. Fragmento de machado, constando de corte e parte (1/4?) do corpo, de 60 mm. de comprimento e 75 mm. de largura máxima. Espessura máxima 30 mm. O corte arredondado é perfeitamente alisado, pouco prejudicado pelo uso. As faces são planas, devido a um descascamento superficial posterior à fratura. A superfície transversal de fratura é côncava.

Material: basalto escuro; pêso: 280 g.

4. Fragmento, i.é, metade de machado, fraturado longitudinalmente pelo meio do corte, de 119 mm. de comprimento e 61 mm. de largura máxima. Espessura máxima 29 mm. O corte, perfeitamente alisado é pouco danificado pelo uso. Uma face levemente convexa e parcialmente alisada, apresenta um lascamento profundo, perto da cabeça. A outra face, côncava, não é alisada. O lado não fraturado é, parcialmente, alisado. A superfície longitudinal de fratura é bicôncava.

Material: basalto escuro: pêso: 300 g.

5. Fragmento de machado, constando do corte e metade (?) do corpo de 70 mm. de comprimento e 70 mm. de largura máxima. Espessura máxima 24 mm. O corte perfeitamente alisado, não danificado pelo uso, apresenta um pequeno lascamento numa extremidade, causada pela picareta do escavador. As faces formadas, cada qual, de dois planos, um maior e outro menor, têm as arestas de intersecção dêstes planos, alisadas. Apresentam, também, superfícies de lascamento lateral, parcialmente alisadas. A superfície de fratura transversal é quase plana.

Material: basalto escuro; pêso: 208 g.

6. Fragmento de machado, constando do corte e parte (2/3?) do corpo, de 76 mm. de comprimento e 48 mm. de largura máxima. Espessura máxima 30 mm. O corte é perfeitamente alisado, muito pouco danificado pelo uso, salvo em uma das extremidades, aonde sofreu um lascamento profundo, que se estende lateralmente sôbre uma das faces, numa distância de 50 mm. As faces, levemente convexas e parcialmente alisadas, apresentam superfícies de lascamento lateral. Os lados formam planos irregulares, parcialmente, alisados. Um dêstes planos quase destruido pelo lascamento lateral do corte descrito. A superfície de fratura transversal é quase plana.

Material: basalto escuro; pêso: 170 g.

7. Fragmento de machado, constando do corte e parte (quase metade?) do corpo de 65 mm. de comprimento e 55 mm. de largura máxima. Espessura máxima 28 mm. O corte foi quase totalmente arruinado pelo uso. Uma face é levemente convexa,

apresentando superfícies de lascamento lateral, parcialmente alisadas. A outra face, irregular, apresenta de um lado, superfícies de lascamento lateral, com vestígios de alisamento; do outro lado apresenta um plano de lascamento, que ocupa quase metade da face. A superfície de fratura é irregular. Material: basalto escuro; pêso: 160 g.

8. Fragmento de machado, constando do corte e parte (mais da metade?) do corpo, de 72 mm. de comprimento e 61 de largura máxima. Espessura máxima 21 mm. O corte, perfeitamente alisado, é muito prejudicado pelo uso. Uma das faces, levemente convexa, é tôda alisada, apresentando uma superfície de lascamento profundo, perto do corte e outro, menos profundo, na superfície de fratura. A outra face, quase plana, lateralmente, apresenta superfícies de lascamento, parcialmente alisadas e, no centro, uma grande superfície de lascamento, não alisada. Os lados foram alisados. A superfície de fratura transversal é quase plana.

Material: basalto escuro; pêso: 170 g.

9. Fragmento de machado, constando do corte e parte (1/3?) do corpo, de 60 mm. de comprimento e 59 mm. de largura máxima. Espessura máxima 13 mm. O corte é perfeitamente alisado e em quase nada danificado pelo uso. As faces são planas, apresentando superfícies de lascamento lateral, sem sinal de alisamento posterior. A superfície de lascamento transversal é levemente convexa.

Material: basalto preto; pêso 80 g.

10. Fragmento de machado, constando do corte e parte (metade?) do corpo, de 63 mm. de comprimento e 65 mm. de largura máxima. Espessura máxima 15 mm. O corte perfeitamente alisado, é bastante danificado pelo uso, com um lascamento maior em um dos cantos. As faces são levemente convexas, com vestígios de lascamento lateral, parcialmente alisados. Os lados sofreram alisamento.

Material: basalto escuro; pêso: 90 g.

11. Fragmento de machado, constando do corte e parte (1/3?) do corpo, de 51 mm. de comprimento e 78 mm. de largura máxima. Espessura máxima 21 mm. O corte de um alisamento imperfeito, foi muito danificado pelo uso. As faces, levemente convexas, foram lateralmente alisadas com perfeição. A superfície de fratura transversal é concoidal.

Material: basalto escuro; pêso: 150 g.

12. Fragmento de machado, constando do corte e parte (metade?) do corpo, de 73 mm. de comprimento e 58 mm. de largura máxima. Espessura máxima 24 mm. O corte, de um alisamento imperfeito, foi muito danificado pelo uso. Uma das faces é convexa; a outra plana, apresentando ambas, superfícies de lascamento lateral, parcialmente alisadas. As arestas de inter-

secção das faces, foram alisadas. O plano de fratura transversal é irregular.

Material: basalto escuro; pêso: 178 g.

13. Fragmento de machado, constando do corte e parte (1/2?) do corpo, de 56 mm. de comprimento e 45 mm. de largura máxima. Espessura máxima 11 mm. O corte, perfeitamente alisado, foi bastante danificado pelo uso. As faces são formadas, cada qual, por dois planos, lateralmente inclinados, apresentando, cada face, um aresta longitudinal. A aresta de uma das faces foi parcialmente alisada. Ambos os lados, são formados de arestas, muito agudas e cortantes, não alisadas, uma delas danificada por um lascamento posterior. O plano de fratura transversal, de forma losangular, é oblíquo às faces.

Material: basalto escuro; pêso: 37 g.

14. Fragmento de machado, constando do corte e pequena parte do corpo, de 32 mm. de comprimento e 56 mm. de largura máxima. Espessura máxima 18 mm. O corte, perfeitamente alisado, é muito pouco danificado pelo uso. Uma das faces é convexa e a outra plana. Todo o fragmento é alisado, sem vestígio de superfície de lascamento inicial. O plano de fratura transversal é irregular.

Material: basalto escuro; pêso: 45 g.

Foram encontradas na jazida mais 36 peças de função idêntica às acima descritas.

Zusammenfassung:

Vorliegende Arbeit ist ein erster Versuch zur Darstellung einer wahrscheinlich **vorkolumbischen Kultur auf der Insel Sta. Catarina, Südbrasilien.** Einleitend gibt der Verfasser einen Überblick über die zahlreichen Muschelhaufen (Sambaquís), Schleifstellen, Felszeichnungen und Fundstätten auf der einst dichtbevölkerten Insel, um dann auf seine eigenen Ausgrabungen überzugehen, die er im Jahre 1958 auf dem Gelände des Flughafens unmittelbar am Strande der Südbucht von **Florianópolis** ausgeführt hat.

Die Fundstätte umfasste eine Fläche von mehr als 1000 Quadratmetern, war aber leider schon 15 Jahre lang als Sandgrube benutzt worden und zu neun Zehnteln zerstört. Im Aufriss folgt unter dem Rasen die 30 bis 130 Zentimeter starke, dunkle bis schwarze Kulturschicht, die auf dem hellen, groben, mit Muschelresten untermischten Granitsand des nur 10 Meter entfernten Meeres aufruht.

Aus einem etwa 100 Quadratmeter grossen, ungestörten Teil konnte der Verfasser 54 Kinder- und Erwachsenenskelette bergen. Die Erwachsenen lagen in flachen Gruben zwischen den beiden Schichten in gestreckter Rückenlage, die Arme an den Oberkörper gelehnt und die Hände meist über dem Becken zusammengelegt; Kopf und Füsse lagen gewöhnlich etwas höher. Dass es sich um wirkliche Begräbnisse handelt, beweist nicht nur die sorgfältige Lage, sondern auch die Gru-

be selbst, deren Umrisse sich durch die Verschiedenheit der beiden Schichten leicht feststellen lassen. Die Kinderskelette wurden meist in unregelmässiger Lage in der oberen Schicht gefunden, sodass man den Eindruck hatte, sie seien überhaupt nicht sorgfältig begraben worden. Bei ihnen sowie auch bei einigen männlichen Skeletten wurden Halsketten und Schmuckanhänger gefunden, dagegen nicht bei den weiblichen.

Die Arbeit behandelt vor allem die Schädel, von denen aber nur 21 gereinigt, soweit nötig wiederhergestellt, und gemessen werden konnten. Davon stammen 11 von Frauen, 9 von Männern und einer von einem 10-11 jährigen Knaben. Im allgemeinen lässt sich dazu Folgendes aussagen: Der Unterschied der Geschlechter ist sehr ausgeprägt; der Bau ist wuchtig und schwer; das Fassungsvermögen ist klein bis mittelgross; die Grösse bewegt sich um mittlere Werte; die Backenknochen springen stark vor; von oben gesehen, sind sie von eiförmigem Umriss; von hinten erscheinen sie dachförmig; die Unterkiefer sind hoch und schwer; die Zähne zeigen niemals Spuren von Fäulnis, sind aber oft tief bis zur Wurzel abgekaut, soldass die Nervenkanäle offenliegen; bei ausgefallenen Zähnen nimmt der Unterkiefer stark ab; bei alten Schädeln sind sie oft ausgefallen. Der Erhaltungszustand der Knochen ist befriedigend, obwohl alles Organische aus ihnen verschwunden ist. Anscheinend wurden die Toten ohne jede Umhüllung in die Erde gesenkt. Nach der unverhältnismässig hohen Zahl von Kinderskeletten jeden Alters zu schliessen, muss die Kindersterblichkeit erheblich gewesen sein.

Die Begleitfunde an Werkzeugen und Schmuckstücken stimmen im allgemeinen mit denen der Muschelhaufen überain: Steinäxte mit in Spalttechnik bearbeiteter Fläche und geschliffener Schneide; Handhämmer; Steine mit kleinen, flachen Grübchen («quebra-coquinhos», Palmkernbrecher); Pfeilspitzen und Ahlen aus Knochen; Schmuckanhänger aus Stein, Muschel und Tierzähnen; Halsketten aus kleinen Muscheln oder aus von grösseren Muscheln herausgeschnittenen Scheibchen; Lippenpflöcke. Es konnten auch Feuerstellen mit Kohlenresten und Asche ausgemacht werden. Die Kulturschicht enthält eine Menge von Vogel- Säugetier- und Fischknochen, sowie Schalen von essbaren Muscheln.

Über die ganze Fundstätte verstreut finden sich spärliche Anzeichen von Töpferei. Da diese nach allgemeiner Annahme in der älteren Muschelhaufenkultur fehlt, müssten die Träger sie entweder selbstständig oder durch Entlehnung erhalten haben. Das Letztere kann aber nicht durch die zur Zeit der Entdeckung auf der Insel siedelnden Guaranys geschehen sein, denn deren Töpferware ist völlig verschieden (siehe Schmitz, A Cerâmica Guarani, in diesem Jahrbuch). Vorläufig fehlt zur Lösung dieser Frage jede Unterlage.

Nach allem, was man schliessen kann, scheint die untersuchte Fundstätte vorkolumbisch zu sein; nicht nur der Befund selbst, sondern auch die Abwesenheit von Gegenständen europäischer Herkunft deuten darauf hin. Was die Basse selbst angeht, so gehört sie wohl sicher zu jener Schicht, die man in Brasilien als den Sambaquimenschen bezeichnet.

Abstract:

This is the first approach to the investigation of a probably pre-Columbian culture on the Island of Santa Catarina, South Brazil.

After a general view over the numerous shell mounds (Samba-

quis), sites, and rock engravings found all over the Island, the author devotes his attention to the very rich site on the western border of the airport near the south bay of Florianópolis, which he explored during the year 1958.

The original area comprises more than 1000 square meters, but it has been used as a sand-pit during 15 years, and nine thenths of it are destroyed. The dark to black culture layer, 30-130 cm thick, begins immediately below the turf, and lies on coarse, light granite sand intermingled with shells and scales of fishes from the sea distant only 10 meters.

The careful excavation of about 100 square meters of undisturbed soil yielded 54 skeletons of children and adults. The adults were found lying straight on the back with the arms appressed to the body and the hands on the pelvis, the head and the feet generally on a somewhat higher level. This careful position and the shallow pit clearly discernible at the limit between the black and the light layer leave no doubt as to a true interment. The skeletons of the children, on the contrary, were generally met with in the upper layer only, and in irregular positions, so that one is left with the impression that they were not especially interred. However, some of them, like many of the male skeletons of adults, were associated with collars and pendants, whereas no trinket of any kind was observed in the female graves.

The present article deals with the sculls, of which 21 were selected for mounting and measuring; 11 are female, 9 male, one of a boy of about 10-11 years. Generally speaking, they show the following features: difference between the sexes, strongly marked; capacity, small to medium; size, about medium; cheek-bones, markedly high; seen from above, ovoid, phenozygous; seen from behind, roof-shaped; robust and weighty; jaw, hign and heavy; teeth, without any trace of caries but often champed off down to the root, or fallen out, and then the jaw-bone notably diminished.

Although the last vestiges of organic matter have disappeared, the preservation of the bones is satisfactory. From all one can judge, the dead were interred without any clothes or wrappings. The high number of children of all ages suggests a disproportional rate of mortality.

The associated material of tools and ornaments harmonizes with that of other sambaquis: stone axes with split body and polished edge; stone hammers for hand use; stones with small, shallow groves («quebra-coquinhos», palm kernel breakers); arrow heads and awls of bone; ornamental pendants of stone, shell, and animal teeth; collars of small shells or disks cut from large austers; lip plugs.

There also were discovered some fireplaces with remmants of coals and ashes. Throughout the whole of the culture layer, the bones of birds, mammals, and fishes, and shells of edible mussels were frequent.

Pottery was very rare. From all we know, the older Sambaquí culture is entirely devoid of it. Its presence may be explained either by independent invention, or by contact with agricultural tribes. In any case, it has nothing in common with the Guarany ware of the same Island described by Schmitz in this yearbook.

At the present level of investigation, it would be irrespondible to make a final statement as to the age and the race of the old inhabitants of the Island; however, the mode of interment, the associated material, and the absence of any European introduction strongly point to pre-Columbian times The race may be the same as what in Brazilian literature is called the Sambaqui Man.

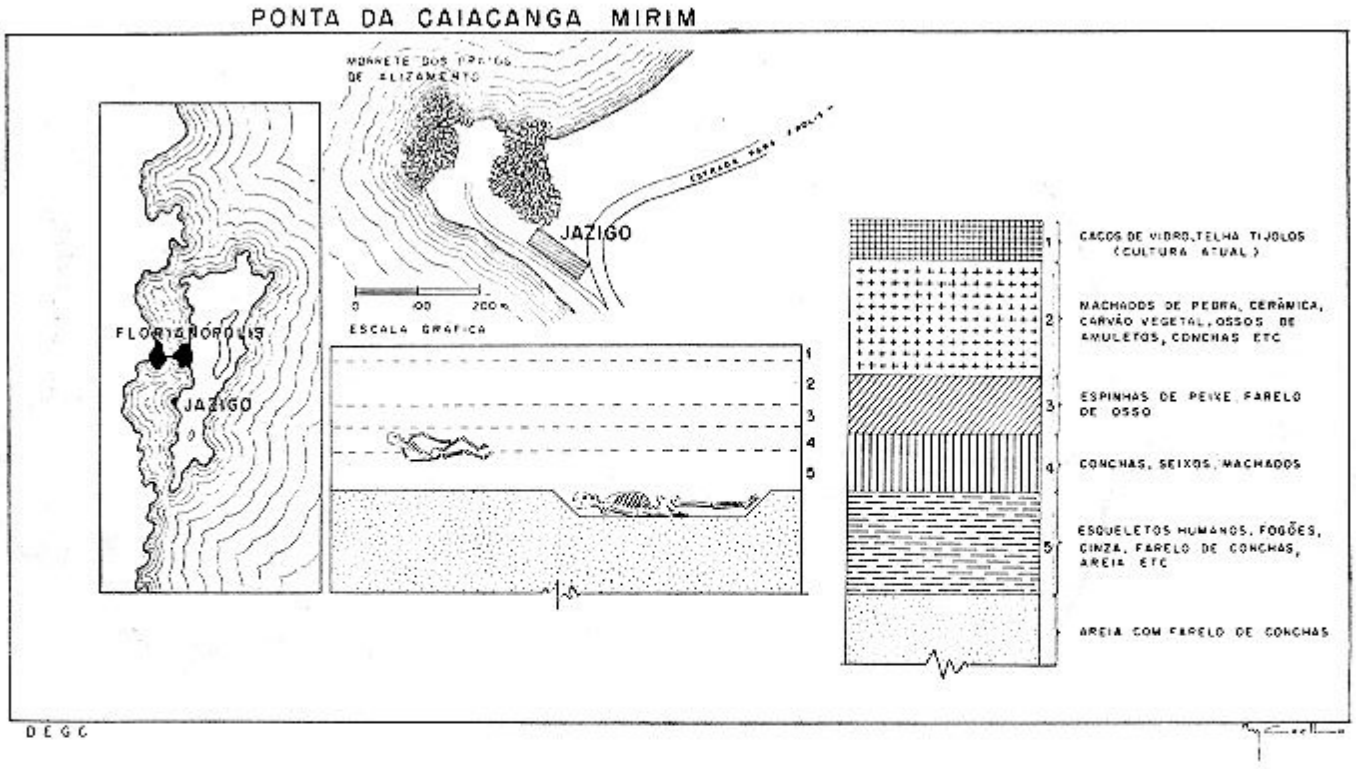

Fig. 1 - A jazida da Base Aérea de Florianópolis: a ilha; a situação da jazida; a situação dos esqueletos das crianças e adultos; um corte pela jazida.

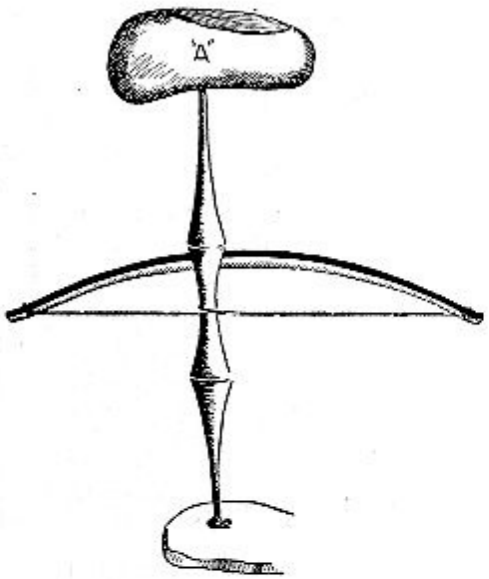
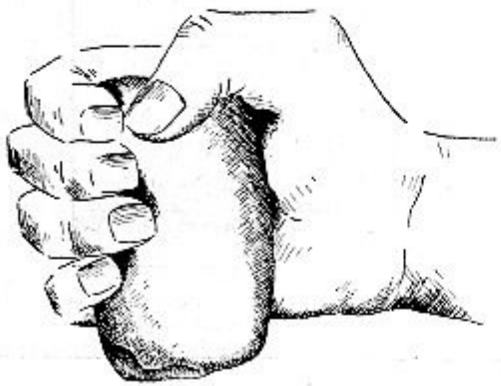
Fig. 2 — Berbequim com a cabeça "A" achada na jazida. b. Maneira presumível de usar os machados.